

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Maria da Consolação Lima Rosa

GRIÔ: O CONHECIMENTO PELA HISTÓRIA

Juiz de Fora  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

ROSA, Maria da Consolação Lima.

GRIÔ : O CONHECIMENTO PELA HISTORIA / Maria da Consolação Lima ROSA. -- 2017.

71 f.

Orientador: Perses Maria Canellas da CUNHA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em História da África, 2017.

1. Griô. 2. Ensino. 3. História da África. I. CUNHA, Perses Maria Canellas da, orient. II. Título.

Maria da Consolação Lima Rosa

GRIÔ: O CONHECIMENTO PELA HISTÓRIA

Trabalho de conclusão do Curso apresentado na Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção de aprovação no curso de Pós-Graduação em História da África.

Orientador: Profa. Perses Maria Canellas da Cunha

Juiz de Fora 2017

Dedico este trabalho a todos os amigos e parentes que me deram força e coragem, lembrando que sem eles este sonho não seria realizado.

## AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas para as quais agradeço:

Para Deus pela força criadora, pelo que representa para mim, sei que sem ele não sou nada.

Aos meus pais, que me deram a vida e os primeiros passos, aos meus irmãos pelo companheirismo.

As minhas filhas e esposo, presentes de Deus aos quais ensino muitas coisas, mas também aprendo com amor alegria e união.

Aos colegas da turma, pela amizade pela força, assim como todos os professores com quem aprendi muita coisa sobre África.

## SUMÁRIO

1-	APRESENTAÇÃO .....	7
2-	MATERIAL DIDÁTICO .....	24
	REFERÊNCIAS .....	55
3-	PORTFÓLIO.....	56

## 1- APRESENTAÇÃO

O presente material didático- pedagógico visa atender a lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que tornou obrigatório na educação básica (educação infantil, ensino fundamental e médio) o ensino de história e cultura afro-brasileira em todas as esferas da educação pública. Nesse sentido, o trabalho visa atender, especificamente, a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos diz: “Reconhecimento requer a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino.”(MEC, 2013, p.85)

Este material serve como ferramenta para professores e alunos do ensino fundamental anos iniciais educação infantil. Acredito que trabalhar com fantoches em sala será de grande valia na aprendizagem dos pequenos e uma ajuda ao professor na produção de conhecimentos.

O material lúdico proposto para este trabalho é um fantoche(Griô). Normalmente os fantoches são usados para contar histórias fazer teatro e brincadeiras. Mas neste trabalho, tem um significado maior que é o de educar pela oralidade, pois através dele vamos transmitir conhecimentos e valores, desconstruir preconceitos e desenvolver a valorização de culturas e o respeito à diversidade.

O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil diz que para a criança incorporar atitude de aceitação do outro e suas diferenças e particularidades, precisa estar presente nos atos e atitude dos adultos com quem convive e estas atitudes permearem as relações cotidianas. As diversidades de etnias, crenças valores e costumes que caracterizam a população brasileira passam também pela educação infantil e o convívio com a diversidade amplia o conhecimento de professores e alunos, permitindo a conscientização de várias realidades e um universo de múltiplas escolhas.

Os Parâmetros curriculares Nacionais ainda concebe a educação como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas, e culturais diversificada. Dessa forma o fantoche é um bom material para ensinar e levar as crianças a serem dinâmicas, criativas e produtivas. É preciso apenas

criar em sala momentos para se apreciar a contação de contos e fábulas e usando fantoche. As salas de educação infantil e anos iniciais são os espaços ideais para vivenciar a brincadeira com fantoches. Pois ao mesmo tempo que diverte, aumenta o interesse da criança sobre um determinado assunto. Através dele podemos levar até aos pequenos uma gama de conhecimentos, além de contos africanos, parlendas, adivinhas podendo trabalhar também racismo e identidade, ou qualquer outro assunto relacionado ou não a cultura africana ou afro-brasileira. Através do fantoche as crianças aprendem brincando, ao mesmo tempo que é estimulada a desenvolver criatividade, ajudando na socialização e no desenvolvimento da linguagem oral.

O fantoche assim como outras brincadeiras de faz de conta ajuda a criança a construir sua identidade, promovendo um bom desenvolvimento. Através de encenações e vivências de papéis, as crianças colocam muito de si. Com isso, o professor pode verificar atitudes, habilidades e comportamentos, pode conhecer seus alunos e com isso poder ajudá-los na produção de conhecimentos. Essa ferramenta pedagógica auxilia o professor no processo educativo e torna mais interessante a aprendizagem dos pequenos.

Com o fantoche podemos trabalhar com as crianças a discriminação racial, a diversidade cultural, desenvolver a atenção, desenvolver e enriquecer o vocabulário, desenvolver a oralidade transmitir valores como respeito, cooperação, amor, honestidade entre outros.

Os fantoches podem ser feitos de materiais diversos: madeira, caixas, feltro, pano etc. O “Griô” proposto para este trabalho foi feito com: espuma, cola de contato, tecido e feltro.

### **Montagem:**

- Risca os moldes que podem ser feitos com cartolina tendo uma criança como modelo, corta-los e riscar na espuma.
- Ou seguir moldes e passo a passo na internet.



CORTAR UMA VEZ  
PESCOÇO



CORTAR DUAS VESES  
BRAÇO COM MÃO



CORTAR UMA VEZ CABEÇA



CORTAR UMA VEZ

NUCA



CORTAR UMA VEZ

MAXILAR OU QUEIXO



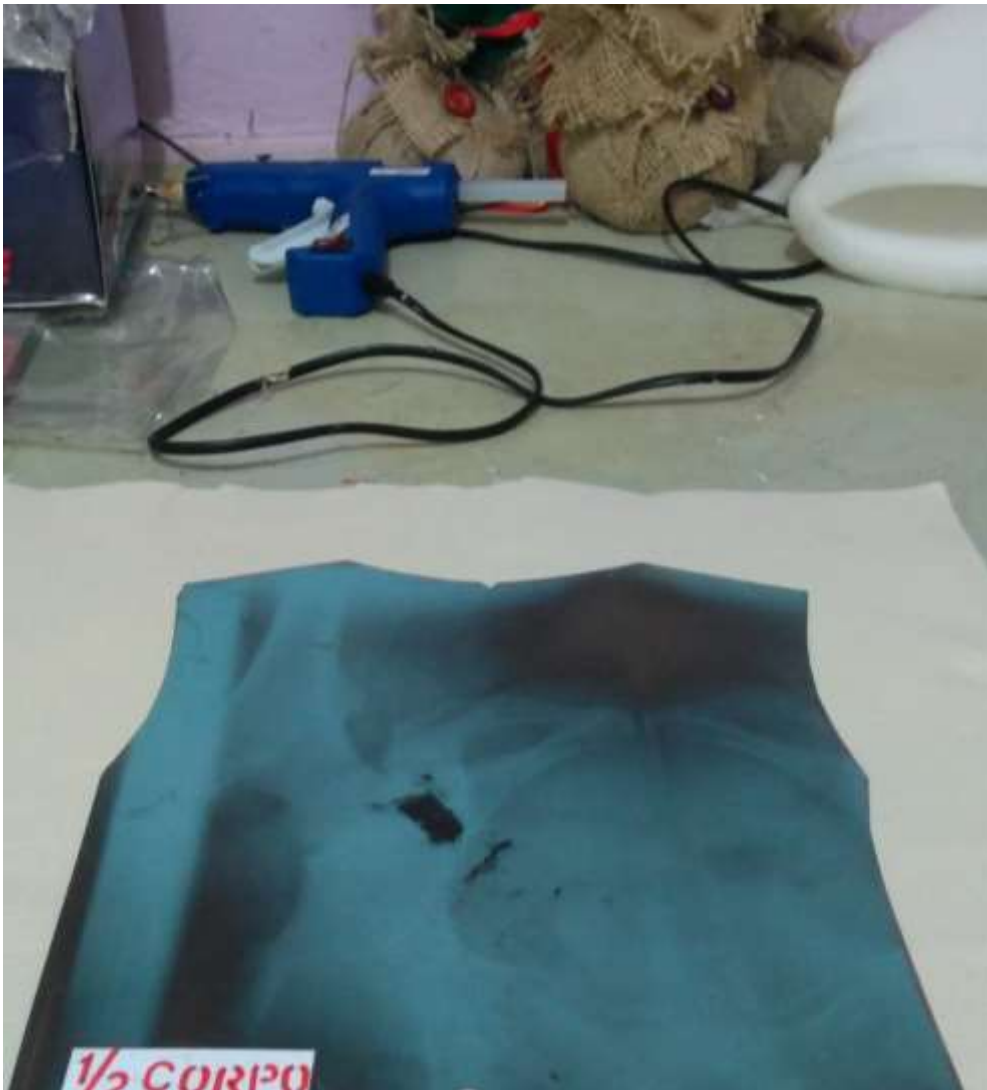
PARTES DA CABEÇA



- Cortar as mesmas peças no tecido e revestir as partes do boneco cortadas na espuma.

CORTAR DUAS VESES

TRONCO



- Montar a cabeça e os demais membros unindo-os;
- Cortar as roupas, costurar e vesti-lo com calça comprida ou bermuda, camisa ou bata.

- Agora é só fazer o acabamento colocando cabelo e dando a fisionomia como quiser: semblantes alegres, triste, etc.

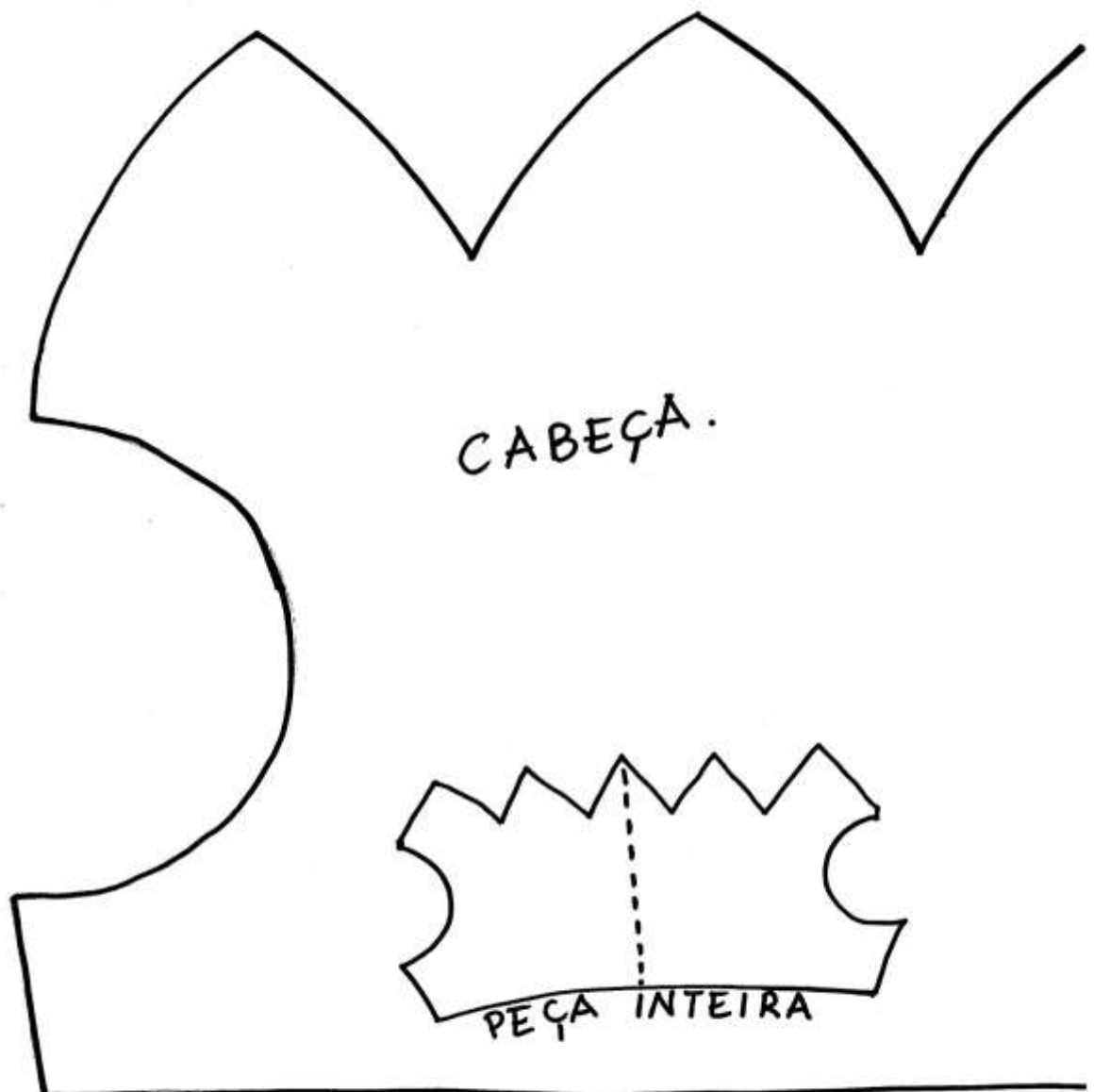


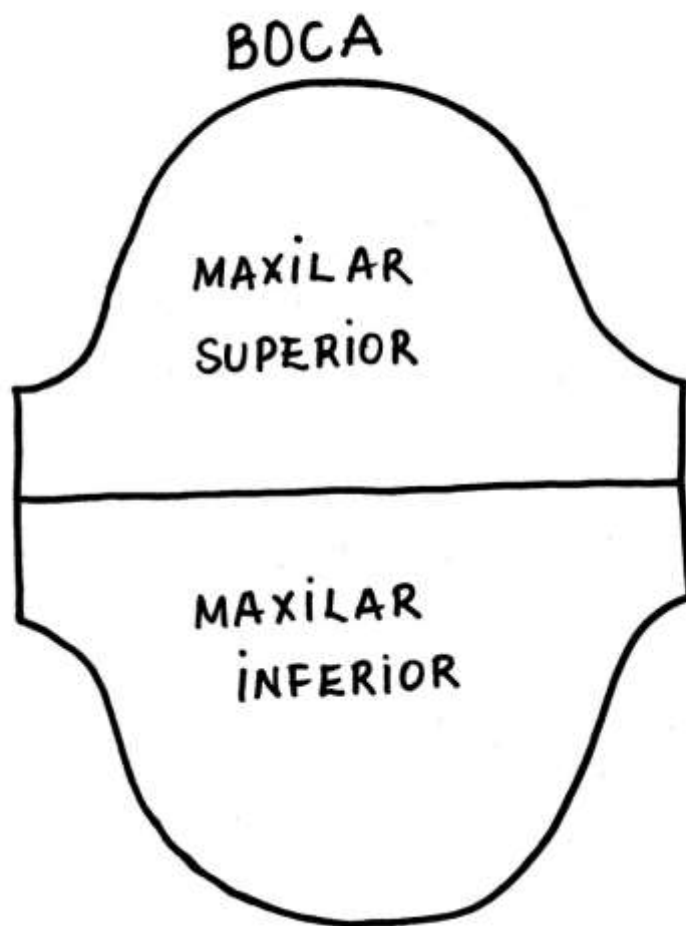
MOLDES :

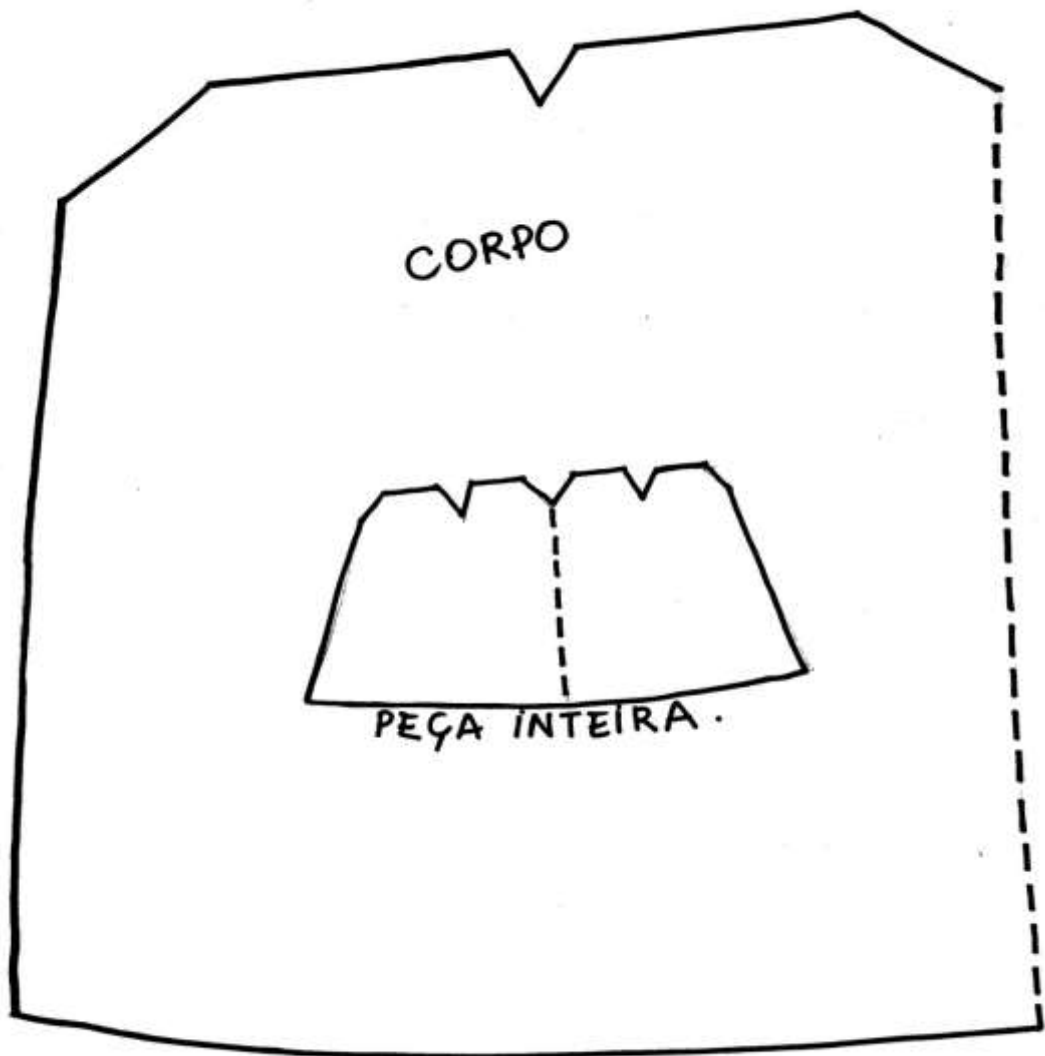
Podem ser encontrados em :

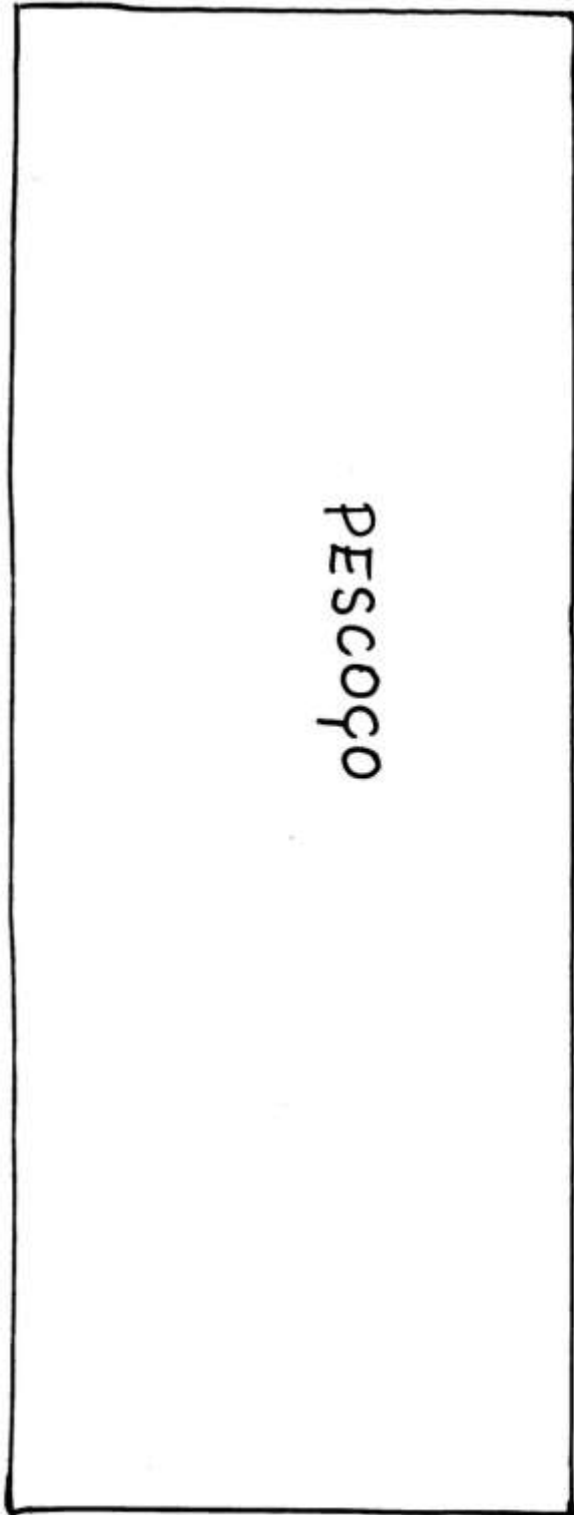
<http://mundodosbonecos.blogspot.com.br/2010/01/moldes-para-fantoches-de-espuma.html> ou

<https://ministeriotatyamaral.files.wordpress.com/2011/11/d1bae-005.jpg> entre Outros.

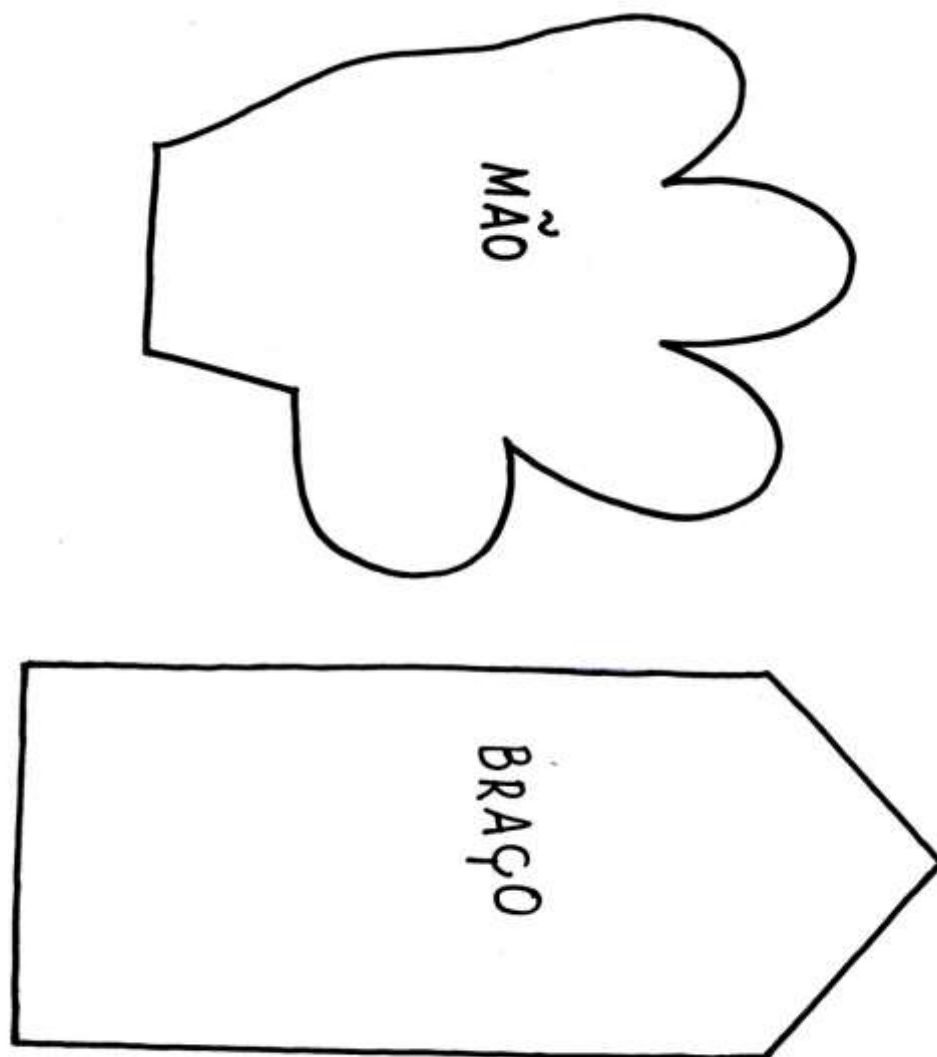












As pernas corta o molde do braço mais comprido ou um retângulo e os pés corta a mão sem separar dedos ou meio círculo.

1. Fisionomia, cabelo e vestimenta a gosto.

## **Griô, o conhecimento pelas histórias**

Me interessei em trabalhar com o tema Griô por ter crescido ouvindo histórias contadas por minha mãe e, algumas vezes, pela minha tia que morava na roça e que nas férias ficava em sua casa. E, toda noite, sentada na cozinha de chão batido, ouvia casos iluminada por uma pequena fogueira que ardia no chão.

Quando a professora Perses veio falar da literatura africana e dos griôs, me encantei e incorporei a esta figura minha mãe e minha tia com as quais aprendi muito e hoje as relembro com saudades.

Desde pequena ouvia minha mãe dizer: “A palavra é vida, com ela se cria e com ela se destrói.” E, às vezes, mostrava trechos na Bíblia sobre o efeito da palavra. “(...)porque a boca fala do que está cheio o coração, Mateus 12.34, em Tiago3,6 em provérbios 18,7 e em gênesis 1.1,29.” Dessa mesma forma, Hampaté bâ descreve que na tradição bambara, do Komo, se explica o gênesis para os iniciados: “A tradição bambara do Komo ensina que a palavra Kuma é uma força fundamental que emana do próprio ser supremo, Maa Ngala criador de todas as coisas. Ela é o instrumento da criação.” (HAMPATÉ BÂ, 1972, p183) E em “Toques do Griô” que diz: “A palavra emana do criador supremo e ela própria é instrumento de criação.” (HERNANDEZ; LIMA, 2014, p. 49) E neste mesmo livro é citado o provérbio mandinga: “A língua não tem ossos, mas pode quebrar um esqueleto”. (HERNANDEZ; LIMA, 2014, p. 77)

Percebendo a igualdade no ensino do poder da palavra, busco valorizar os anciões e seus conhecimentos, e ao mesmo tempo trabalhar a oralidade através da figura do griô.

No mundo acelerado em que vivemos, onde todos os dias se descobre algo novo e este novo em poucos meses se torna ultrapassado e os costumes e conhecimentos antigos são deixados de lado, é necessário refletir sobre a atualidade e buscar reviver e fortalecer crenças, colocando na educação valores que possibilite a formação integral. Como se faz na África, onde os anciões e seus conhecimentos são respeitados, valorizados e repassados de geração a geração pelos griôs como tradição oral.

A tradição oral é o veículo fundamental de todos os valores, quer Educacionais, quer sociais, quer político-religiosos, quer Económicos,

quer culturais, apercebe-se mais facilmente que as Narrativa, são a mais importante engrenagem na transmissão desses valores. (HAMPATÉ BÂ, 1972 p. 40)

Entende-se que tradição oral são todos os saberes, vivências e fazeres de uma comunidade ou povo, que é transmitido através de narrativa orais pelos mais velhos. A maioria dos povos africanos utilizavam e ainda utilizam a oralidade para transmitir os conhecimentos, as histórias e os mitos de seus antepassados, e aos griôs é quem cabe a transmissão pois nessas comunidades eles são como reservatórios de valores culturais.

No meio rural africano a oralidade é o instrumento fundamental para o repasse de todos os valores, quer sociais educacionais, políticos, religiosos, econômicos e culturais. Pois, nessas narrativas orais, estão contidas as regras que previnem e conscientizam sobre transgressões e determinam a ordem na comunidade além de manter a relação entre as gerações. Os griôs devem manter a narrativa sempre fieis e igual a todos os momentos de transmissão para manter a sobrevivência histórica do grupo.

Mais que todos os outros homens, os tradicionalistas-domo grandes e pequenos, obrigam se a respeitar a verdade. Para eles a mentira não é simplesmente um defeito mas uma interdição ritual cuja violação lhes impossibilitaria o preenchimento da sus função. (HAMPATÉ BÂ, 1972, p. 189)

De acordo com Rosário (1989):

Os valores que são transmitidos a gerações posteriores não podem sofrer transgressões. Se tal facto acontecer, põe em perigo a coesão e a sobrevivência histórica do próprio grupo. A continuidade da cadeia de valores pode ser, por exemplo, detectada na preocupação de enunciar fórmulas codificadas no princípio e no fim da narração bem como a introdução de canções em certos momentos da intriga, sendo as letras dessas canções, muitas vezes, versos cristalizados que pouco têm a ver com a própria narrativa que está sendo actualizada num determinado momento.(P.41)

Rosário(1989) afirma ainda que para podemos compreender o comportamento social das comunidades africanas (Moçambique) devemos estudar o que constitui o seu patrimônio: a oralidade e seus valores. Ele diz que as narrativas sofrem alterações de uma comunidade para outra e conseqüentemente também os significados que cada sociedade dá a narrativa ao reproduzi-la, adequando-a as novas condições sociais onde pode continuar a cumprir seu papel de educar, entreter, conservar e transmitir valores da comunidade.

Na visão de Hampaté bâ (1972):

a tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo ao longo dos séculos. Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos a herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem pode dizer a memória viva da África. (p.181)

Devido a ausência da escrita para registrar seus conhecimentos, por muito tempo os africanos foram considerados selvagens, atrasados, sem cultura e iletrados. Mas com o passar do tempo etnólogos do mundo inteiro constatou o contrário. Para José Fonseca (1994) a escrita para os africanos seria algo secundário, pois são muito ligados a oralidade. Ele considera um erro pensar essas civilizações como iletradas ou agráfas. Segundo ele, elas: “Tem na palavra um dos sustentáculos do seu código social e cosmológico. A palavra é um mecanismo de comunicação e expressão primordial, pela qual se alcança o mais alto grau de unidade e identidade individual e coletiva.” (FONSECA, 1994, 116)

Percebendo que os griôs nessas comunidades são como reservatórios de valores cultural, ou no meu entender oráculos vivo, trago a proposta de trabalhar com: Um griô em sala de aula e conseqüentemente linguagem oral. É certo que a linguagem oral é fundamental em nossa vida, pois é por ela que nos socializamos, organizamos nosso pensamentos e experiências e a participação em várias práticas sociais transformando as vivências em conhecimentos.

Tendo em vista que o Referencial Curricular Nacional de educação Infantil, afirma que:

A linguagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativa de maneira significativa. (MEC, 1998, p.120)

Neste sentido, proponho um trabalho pedagógico que valorize o ensino através da oralidade, possibilitando a criança o desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral através de um fantoche, que será o nosso griô.

Baseada em Rosário (1989) que:

Considerando a situação de oralidade, a narrativa é um dos meios pedagógicos mais poderosos. O seu funcionamento como tal dá-se a

dois níveis: por um lado, pelo facto de, através da narrativa, a memorização se torna mais fácil por causa da curiosidade e do prazer. Assim a aprendizagem e compenso são rápidas e o ensinar torna-se fácil. Chamaremos a isso de função de nível explícito. Por outro lado, a narrativa não é um simples instrumento metodológico de transmissão de conhecimento. Ela se torna dentro de si própria, através da exemplaridade, o próprio objeto de ensinamento que se quer transmitir. Chamaremos a isto, a função de nível implícito. (p. 41)

Sugiro em um primeiro momento, levar o fantoche para a sala e aguçar a curiosidade dos educando, sobre que boneco é este? Para que será que serve? Se já viram algum parecido? Segundo estudos feitos na universidade Califórnia, Estados Unidos, a curiosidade prepara o cérebro par a aprendizagem. Pois de acordo com co-autor da pesquisa: Matthias Gruber, isso acontece porque a curiosidade coloca o cérebro em um estado que permite aprender e reter qualquer tipo e informação que motiva o aprendizado. Então, acredito que se nós professores despertamos a curiosidade das crianças, faremos que esta aprendizagem seja prazerosa e eficaz.

Após conversar com eles sobre a figura do griô, o que fazem e seu valor na África, irei explicar que griôs e griotes são homens e mulheres que são desde pequenos ensinados a acumular e transmitir saberes de sua comunidade, através de histórias, músicas e cantos.

Que para ser griô era necessária uma educação especial, na qual aprendiam a arte de memorização, a construir e tocar instrumentos musicais, as palavras sagradas, a linguagem dos sonhos e gestos expressivos e também a vestir com roupas coloridas próprias para cada ocasião ou recita.

Este aprendizado era lento e gradual, a toda hora eram testadas as habilidades e fidelidades do que se aprendia e, dependendo do resultado, eram confiados novos conhecimentos. Pois, um conto, por menor que seja, através do griô, pode transmitir audácia, valentia, coragem, virtude, amor e verdades.

É importante passar para as crianças também que existem griôs e griotes por todas as regiões da África e que recebem nomes diferentes dependendo da sociedade ou comunidade em que vive. No Mali era chamado de Diéli, os bambara e os de língua wolofs o chamavam de gewolos.

Em um outro momento, o fantoche poderá ser usado para trabalhar contos, parlendas, adivinhas, dando liberdade e incentivando que as crianças contem acontecimentos ocorridos em casa ou na comunidade.

Tendo em vista que no Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil

A ampliação da capacidade das crianças de utilizar a fala de forma cada vez mais competente em diferentes contextos se dá na medida em que elas vivenciam experiências diversificadas e ricas envolvendo os diversos usos possíveis da linguagem oral. Portanto, eleger a linguagem oral como conteúdo exige o planejamento da ação pedagógica de forma a criar situações de fala, escuta e compreensão da linguagem. (MEC, 1998, p 134)

E num terceiro momento, será solicitado aos alunos que conversem com os avós, bisavós, ou pessoa mais velha que conheçam, pedindo que lhe contem histórias de sua infância as quais, depois os alunos irão recontar em sala, usando o fantoche ou se colocando como “griô”.

Neste sentido, o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil declara:

Uma das formas de ampliar o universo discursivo das crianças é propiciar que conversem bastante, em situações organizadas para tal fim, como na roda de conversa ou em brincadeiras de faz-de-conta. Pode-se organizar rodas de conversa nas quais alguns assuntos sejam discutidos intencionalmente, como um projeto de construção de um cenário para brincar, um passeio, a ilustração de um livro etc. Pode-se, também, conversar sobre assuntos diversos, como a discussão sobre um filme visto na TV, sobre a leitura de um livro, um acontecimento recente com uma das crianças etc. A roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. (MEC, 1998, p. 138)

Sabendo que o trabalho com a oralidade em sala de aula é primordial, pois a fala é parte integrante de nossa vida e que o desenvolvimento da oralidade se dá através de experiências diversificadas, esta atividade pode “garantir” um bom desenvolvimento do aluno e contribuir para que a criança se torne uma pessoa participativa, crítica, que saiba expressar suas ideias na sociedade.

Dentre o ensino proposto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação(LDB), está a função do objetivo maior do ensino fundamental: a formação básica para exercer a cidadania. Cabe a escola criar condições de aprendizagem que dê:

III- o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de valores.

IV- o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996, p.15)

Ao meu ver o fantoche é um grande aliado na educação, ele diverte ao mesmo tempo que ensina e ajuda a construir a identidade das crianças, pois quando brincam, interpretam diferentes papéis sociais como pai, médico, bruxa, fada mãe, etc. experimentando assim diferentes sensações. Criar em sala de aula momentos para o contos e histórias, pode tornar a criança um ser dinâmico, criativo além de desenvolver o gosto pela leitura.

Com o fantoche podemos desenvolver as habilidades de ouvir, de expressar-se com clareza, de atenção etc.com ele estamos trabalhando o lúdico. Nesse sentido:

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio. (ALMEIDA, 2003, p. 41)

O fantoche e a ludicidade em si é um ato carinhosamente planejado de forma que a proposta venha seduzir e envolver os alunos ao prazer de conhecer. Para isto basta trabalhar junto ao fantoche as adivinhas e contos dos quais colocarei alguns a disposição a seguir:

## **2- MATERIAL DIDÁTICO: FANTOCHE GRIÔ**





# Contos

# Africanos

A Menina que não falava

Certo dia, um rapaz viu uma rapariga muito bonita e apaixonou-se por ela. Como se queria casar com ela, no outro dia, foi ter com os pais da rapariga para tratar do assunto.

\_\_Essa nossa filha não fala. Caso consigas fazê-la falar, podes casar com ela, responderam os pais da rapariga.

O rapaz aproximou-se da menina e começou a fazer-lhe várias perguntas, a contar coisas engraçadas, bem como a insultá-la, mas a miúda não chegou a rir e não pronunciou uma só palavra. O rapaz desistiu e foi-se embora.

Após este rapaz, seguiram-se outros pretendentes, alguns com muita fortuna, mas, ninguém conseguiu fazê-la falar.

O último pretendente era um rapaz sujo, pobre e insignificante. Apareceu junto dos pais da rapariga dizendo que queria casar com ela, ao que os pais responderam:

\_\_Se já várias pessoas apresentáveis e com muito dinheiro não conseguiram fazê-la falar, tu é que vais conseguir? Nem penses nisso!

O rapaz insistiu e pediu que o deixassem tentar a sorte. Por fim, os pais acederam.

O rapaz pediu à rapariga para irem à sua machamba, para esta o ajudar a sachar. A machamba estava carregada de muito milho e amendoim e o rapaz começou a sachá-los.

Depois de muito trabalho, a menina ao ver que o rapaz estava a acabar com os seus produtos, perguntou-lhe:

\_\_ O que estás a fazer?

O rapaz começou a rir e, por fim, disse para regressarem a casa para junto dos pais dela e acabarem de uma vez com a questão.

Quando aí chegaram, o rapaz contou o que se tinha passado na machamba. A questão foi discutida pelos anciãos da aldeia e organizou-se um grande casamento.

### Duas Mulheres

Havia duas mulheres amigas, uma que podia ter filhos – e tinha muitos – e a outra não.

Um dia, a mulher estéril foi a casa da amiga e convidou-a a visitá-la, dizendo:

\_\_ Amiga, tenho muitas coisas novas em casa, venha vê-las!

\_\_ Está bem \_\_ concordou a outra.

De manhã cedo, a mulher que tinha muitos filhos foi visitar a amiga. Ao chegar a casa desta, chamou-a:

\_\_ Amiga, minha amiga!

Trazia consigo um pano que a mulher estéril aceitou e guardou.

As duas amigas ficaram a conversar, tomando um chá que a dona da casa tinha preparado para as duas. Ao acabarem o chá, a dona da casa quis, então, mostrar à amiga as coisas que tinha

comprado. Passaram para a sala e a mulher estéril abriu uma mala mostrando à amiga roupa, brincos, prata e outras coisas de valor.

No final da visita, a mulher que tinha muitos filhos agradeceu, dizendo:

\_\_ Um dia há-de ir a minha casa ver a mala que eu arranjei.

E, um certo dia, a mulher que não tinha filhos, foi a casa da amiga. Mal a viram, os filhos desta gritaram:

\_\_ A sua amiga está aqui!

Agradeceram a peneira que ela trazia na cabeça e guardaram-na. Começaram, então, a preparar o chá.

A mãe das crianças chamava-as uma a uma:

\_\_ Fátima!

\_\_ Mamã?

\_\_ Põe o chá ao lume!

\_\_ Mariamo!

\_\_ Sim?

\_\_ Vai partir lenha!

\_\_ Anja!

\_\_ Sim?

\_\_ Vai ao poço

\_\_ Muacisse!

\_\_ Mamã?

\_\_ Vai buscar açúcar!

\_\_ Muhamede!

\_\_ Sim?

\_\_ Traz um copo!

\_\_ Mariamo!

\_\_ Vamos lá, despacha-te com o chá!

Assim que o chá ficou pronto, tomaram-no e conversaram todos um pouco.

Quando a amiga se ia embora, a mulher que tinha filhos disse:

\_\_ Minha amiga, eu chamei-a para ver a mala que arranjei, mas a minha mala não tem roupa nem brincos! A mala que lhe queria mostrar são os meus filhos!

A mulher que não podia ter filhos ficou muito triste e, antes de chegar a casa, sentiu-se muito mal, com dores de cabeça e acabou por morrer.

Comentário do narrador: coisa não é coisa, coisa é pessoa!

**O Homem e a Filha**

Era uma vez um casal que teve uma filha. A mulher morreu pouco depois do parto e a criança foi criada pelo pai. Quando a menina cresceu, o pai anunciou-lhe:

\_\_ Minha filha, quero casar contigo!

Mas a menina respondeu:

\_\_ Isso não é bom. Seremos descobertos pelos outros, pois no mundo não há segredos!

\_\_ Sempre quero ver se no mundo não há segredos, disse o pai.

Foi buscar arroz, vazou duas medidas numa panela e cozinhou-o. Em seguida, levou a panela para o mato e enterrou-a. Ninguém sabia que ele tinha enterrado no mato uma panela cheia de arroz a não ser ele próprio e a filha.

Tempos mais tarde, apareceram homens com redes para caçar no mato. Eles não sabiam que no local onde caçavam, debaixo de uma árvore, estava enterrada uma panela cheia de arroz. Descobriram, admirados, que formigas brancas saídas da terra junto daquela árvore, transportavam grão de arroz.

De imediato cavaram o buraco e encontraram uma panela cheia de arroz cozido.

A filha, então, voltou-se para o pai:

\_\_ Está a ver papá? Eu não lhe disse que o mundo não tem segredos?!

Comentário: No mundo não há segredos, a filha bem o sabia!

### **A Origem do Tambor**

#### CONTO POPULAR DA GUINÉ-BISSAU

Dizem na Guiné que a primeira viagem à Lua foi feita pelo Macaquinho de nariz branco.

Segundo dizem, certo dia, os macaquinhos de nariz branco resolveram fazer uma viagem à Lua a fim de traze-la para a Terra.

Após tanto tentar subir, sem nenhum sucesso, um deles, dizem que o menor, teve a idéia de subirem uns por cima dos outros, até que um deles conseguiu chegar à Lua.

Porém, a pilha de macacos desmoronou e todos caíram, menos o menor, que ficou pendurado na Lua. Esta lhe deu a mão e o ajudou a subir.

A Lua gostou tanto dele que lhe ofereceu, como regalo, um tamborinho.

O macaquinho foi ficando por lá, até que começou a sentir saudades de casa e resolveu pedir à Lua que o deixasse voltar.

A lua o amarrou ao tamborinho para descê-lo pela corda, pedindo a ele que não tocasse antes de chegar à Terra e, assim que chegasse, tocasse bem forte para que ela cortasse o fio.

O Macaquinho foi descendo feliz da vida, mas na metade do caminho, não resistiu e tocou o tamborinho. Ao ouvir o som do tambor a Lua pensou que o Macaquinho houvesse chegado à Terra e cortou a corda.

O Macaquinho caiu e, antes de morrer, ainda pode dizer a uma moça que o encontrou, que aquilo que ele tinha era um tamborinho, que deveria ser entregue aos homens do seu país.

A moça foi logo contar a todos sobre o ocorrido. Vieram pessoas de todo o país e, naquela terra africana, ouviam-se os primeiros sons de tambor.

### A Lua Feiticeira e a Filha que não sabia pilar

A lua tinha uma filha branca e em idade de casar. Um dia apareceu-lhe em casa um monhé pedindo a filha em casamento. A lua perguntou-lhe:

— Como pode ser isso, se tu és monhé? Os monhés não comem ratos nem carne de porco e também não apreciam cerveja... Além disso, ela não sabe pilar...

O monhé respondeu:

— Não vejo impedimento porque, embora eu seja monhé, a menina pode continuar a comer ratos e carne de porco e a beber cerveja... Quanto a não saber pilar, isso também não tem importância, pois as minhas irmãs podem fazê-lo.

A lua, então, respondeu:

— Se é como dizes, podes levar a minha filha que, quanto ao mais, é boa rapariga.

O monhé levou consigo a menina. Ao chegar a casa foi ter com a sua mãe e fez-lhe saber que a menina com quem tinha casado comia ratos, carne de porco e bebia cerveja, mas que era necessário deixá-la à-vontade naqueles hábitos. Acrescentou também que ela não sabia pilar, mas que as suas irmãs teriam a paciência de suprir essa falta.

Dias depois, o monhé saiu para o mato à caça. Na sua ausência, as irmãs chamaram a rapariga (sua cunhada) para ir pilar com elas para as pedras do rio e esta desatou a chorar.

As irmãs censuraram-na:

— Então tu pões-te a chorar por te convidarmos a pilar. Isso não está bem! Tens de aprender porque é trabalho próprio das mulheres.

E, sem mais conversas, pegaram-lhe na mão e conduziram-na ao lugar onde costumavam pilar.

Quando chegaram ao rio puseram-lhe o pilão na frente, entregaram-lhe um maço e ordenaram que pilasse.

A rapariga começou a pilar, mas com uma mágoa tão grande que as lágrimas não paravam de lhe escorrer pela cara. Enquanto pilava ia-se lamentando:

— Quando estava em casa da minha mãe não costumava pilar...

Ao dizer estas palavras, a rapariga, sempre a pilar e juntamente com o pilão, começou a sumir-se pelo chão abaixo, por entre as pedras que, misteriosamente, se afastavam. E foi mergulhando, mergulhando... até desaparecer.

Ao verem aquele estranho fenómeno, as irmãs do monhé abandonaram os pilões e foram a correr contar à mãe o que acontecera. Esta ficou assustada com a estranha novidade e tinha o coração apertado de receio quando chegou o monhé, seu filho.

Este, ao ouvir o relato do que acontecera à sua mulher, ralhou com as irmãs, censurando-as por não terem cumprido as suas ordens. Apressou-se a ir ter com a lua, sua sogra, para lhe dar conta do desaparecimento da filha.

A lua, muito irritada, disse:

\_\_ A minha filha desapareceu porque não cumpriste o que prometeste. Faz como quiseres, mas a minha filha tem de aparecer!

\_\_ Mas como posso ir ao encontro dela se desapareceu pelo chão abaixo?

A lua mudou, então, de aspecto e, mostrando-se conciliadora, disse:

\_\_ Bom, vou mandar chamar alguns animais para se fazer um remédio que obrigue a minha filha a voltar... Vai para o lugar onde desapareceu a minha filha e espera lá por mim.

O monhé foi-se embora e a lua chamou um criado ordenando:

\_\_ Chama o javali, a pacala, a gazela, o búfalo e o cágado e diz-lhes que compareçam, sem demora, nas pedras do rio onde desapareceu a minha filha.

O criado correu a cumprir as ordens e os animais convidados apressaram-se para chegar ao lugar indicado. A lua também para lá se dirigiu com um cesto de alpista. Quando chegou ao rio, derramou um punhado de alpista numa pedra e ordenou ao porco que moesse.

O porco, enquanto moia, cantou:

\_\_ Eu sou o javali e estou a moer alpista para que tu, rapariga, apareças ao som da minha voz!

Nesse momento ouviu-se a voz cava da menina que, debaixo do chão, respondia:

\_\_ Não te conheço!

O javali, despeitado, largou a pedra das mãos e afastou-se cabisbaixo. Aproximou-se em seguida a pacala e, enquanto moia, cantou:

\_\_ Eu sou a pacala e estou a moer alpista para que tu, rapariga, apareças ao som da minha voz!

Ouviu-se novamente a voz da menina que dizia:

\_\_ Não te conheço!

A gazela e o búfalo ajoelharam também junto do moinho, fazendo a sua invocação, mas a menina deu a ambos a mesma resposta:

\_\_ Não te conheço!

Por último, tomou a pedra o cágado e, enquanto moía, cantou:

\_\_ Eu sou o cágado e estou a moer alpista para que tu, rapariga, apareças ao som da minha voz!

A menina cantou, então, em voz terna e melodiosa:

\_\_ Sim, cágado, à tua voz eu vou aparecer!

E, pouco a pouco, a menina começou a surgir por entre as pedras do rio, juntamente com o pilão, mas sem pilar. Quando emergiu completamente parou e ficou silenciosa.

Os animais juntaram-se todos, curiosos, à volta da menina.

Então, a lua disse:

\_\_ Agora a minha filha já não pode continuar a ser mulher do monhé pois ele não soube cumprir o que me prometeu. Ela será, daqui para o futuro, mulher do cágado, pois só à sua voz é que ela tornou a aparecer.

Então o cágado levantou a voz dizendo:

\_\_ Estou muito feliz com a menina que acaba de me ser dada em casamento e, como prova da minha satisfação, vou oferecer-lhe um vestido luxuoso que ela vestirá uma só vez, pois durará até ao fim da sua vida.

E, dizendo isto, entregou à menina uma carapaça lindamente trabalhada, igual à sua.

Da ligação do cágado com a filha da lua é que descendem todos os cágados do mundo...

### Estou voltando...

Um jovem angolano caminhava solitário pela praia. Parou por alguns instantes para agradecer aos deuses por aquele momento milagroso: o deslumbramento de sua terra natal.

O silêncio o fez adormecer em seu âmago, despertando inesperadamente com o bater das ondas sobre as pedras. De repente, surgiram das matas homens estranhos e pálidos que o agarraram e o acorrentaram. Sua coragem e o medo travaram naquele momento uma longa batalha... Ele chamou pelos seus pais e clamou pelo seu Deus. Mas ninguém o ouviu. Subitamente mais e mais rostos estranhos e pálidos se uniram para rirem de sua humilhação. Vendo que não havia saída, o jovem angolano atacou um deles, mas foi impedido por um golpe. Tudo se transformou em trevas.

Um balanço interminável o fez despertar dentro do estômago de uma criatura. Ainda zonzo, ele notou a presença de guerreiros de outras tribos. Todos se demonstraram incrédulos sobre o que estava acontecendo. Seus olhos cheios de medo indagavam. Passos e risos de seus algozes foram ouvidos acima.

Durante a viagem muitos guerreiros morreram, sendo seus corpos lançados ao mar. Dias depois, já em terra firme, ele é tratado e vendido como um animal. Com o coração cheio de “banzo” ele e outros negros foram levados para um engenho bem longe dali. Foram recebidos pelo proprietário e pelo feitor que, com o estalar do seu chicote não precisou expressar uma só palavra.



Um dia, em meio ao trabalho, o jovem angolano fugiu. Mas não foi muito longe; foi capturado por um capitão do mato. Como castigo foi levado ao tronco onde recebeu não duas, mas cinquenta chibatadas. Seu sangue se uniu ao solo bastardo que não o viu nascer.

Os anos se passaram, mas a sua sede por liberdade era insaciável. Várias vezes foi testemunha dos maus tratos que o senhor aplicava sobre as negras, obrigando-as a se entregarem. Quando uma recusava era imediatamente açoitada pelo seu atrevimento. A Sinhá, desonrada, vingava-se sobre uma delas, mandando que lhe cortassem os mamilos para que não pudesse aleitar.

O jovem angolano não suportando mais aquilo fugiu novamente. No meio do caminho encontrou outros negros fugidos que o conduziram ao topo de uma colina onde uma aldeia fortificada – um quilombo – estava sendo mantida e protegida por escravos.

Ali ele aprendeu a manejar armas e, principalmente a ensinar as crianças o valor da cultura africana. Também foi ali que conheceu a sua esposa, a mãe de seu filho. Com o menino nos braços, ele o ergue diante as estrelas mostrando-o a Olorum, o deus supremo...

Surgem novos rostos, estranhos e pálidos, mas de coração puro, os abolicionistas. Eram pessoas que há anos vinham lutando pelo fim do cativeiro. Suas pressões surtiram efeito. Leis começaram a vigorar, embora lentamente, para o fim da escravatura: A Lei Eusébio Queiroz; a do Ventre-Livre, a do Sexagenário e, finalmente, a Lei Áurea. A juventude se foi.

O velho angolano agora observa seus netos correndo livremente pelos campos.

Aprenderam com o pai a zelarem pelas velhas tradições e andarem de cabeça erguida.

Um dia o velho ouviu o clamor do seu coração: com dificuldade caminhou solitário até a praia. Olhou compenetrado para o horizonte. Agora podia ouvir as vozes de seus pais sendo trazidas pelas ondas do mar.

A noite caiu cobrindo o velho angolano com o seu manto... Os tambores se calaram... No coração do silêncio suas palavras lentamente ecoaram:

“Estou voltando... Estou voltando...”

### A lenda do tamborinho

Corre entre os Bijagós, da Guiné, a lenda de que foi o Macaquinho de nariz branco quem fez a primeira viagem à Lua. A história começou assim:

Nas proximidades de uma aldeia, os macaquinhos de nariz branco, certo dia, de que se haviam de lembrar? De fazer uma viagem à Lua e trazê-la para baixo, para a Terra.

Ora numa bela manhã, depois de terem em vão tentado encontrar um caminho por onde subir, um deles, por sinal o mais pequeno, teve uma ideia: encavalitarem-se uns nos outros. Um agora, outro depois, a fila foi-se erguendo ao céu e um deles acabou por tocar na Lua.

Embaixo, porém, os macacos começaram a cansar-se e a impacientar-se. O companheiro que tocou na Lua nunca mais conseguia entrar. As forças faltaram-lhes, ouviu-se um grito, e a

coluna desmoronou-se. Um a um, todos foram arrastados na queda e caíram no chão. Apenas um só, só um macaquito por sinal o mais pequeno, ficou agarrado à Lua, que o segurou pela mão e o ajudou a subir.

A Lua olhou-o com espanto e tão engraçadinho o achou que lhe deu de presente um tamborinho.

O Macaquinho começou a aprender a tocar no seu tamborinho e por longos dias deixou-se ficar por ali. Mas tanto andou, tanto passeou, tanto no tamborinho tocou, que os dias se passaram uns atrás dos outros e o macaquinho de nariz branco começou a sentir profundas saudades da Terra e das suas gentes. Então, foi pedir à Lua que o deixasse voltar.

— Para que queres voltar?— Tenho saudades da minha terra, das palmeiras, das mangueiras, das acácias, dos coqueiros, das bananeiras.

A Lua mandou-o sentar no tamborinho, amarrou-o com uma corda e disse-lhe:

— Macaquinho de nariz branco, vou-te fazer descer, mas toma tento no que te digo. Não toques o tamborinho antes de chegares lá abaixo. E quando puseres os pés na Terra, tocarás então com força para eu ouvir e cortar a corda. E assim ficarás liberto.

O Macaquinho, muito feliz da vida, foi descendo sentado no tambor. Mas a meio da viagem, oh!, não resistiu à tentação. E vai de leve, levezinho, de modo que a Lua não pudesse ouvir, pôs-se a tocar o tambor tamborinho. Porém, o vento soltando brandos rumores fazia estremecer levemente a corda. Ouviu a Lua os sons compassados do tantã(1) e pensou:

'O Macaquinho chegou à Terra'. E logo mandou cortar a corda. E eis o macaquinho atirado ao espaço, caindo desamparado na ilha natal. Ia pelo caminho diante uma rapariga cantando e meneando-se ao ritmo de uma canção. De repente viu, com espanto, o infeliz estendido no chão. Mas tinha os olhos muito abertos, despertos, duas brasas produzindo luz. O tamborinho estava junto dele. E ainda pôde dizer à rapariga que aquilo era um tambor e o entregava aos homens do seu país.

A moça, ainda não refeita da surpresa, correu o mais velozmente que pôde a contar aos homens da sua raça o que acabava de acontecer. Veio gente e mais gente. Espalhavam-se archotes. Ouviam-se canções. E naquele recanto da terra africana fazia-se o primeiro batuque(2) ao som do maravilhoso tambor. Então os homens construíram muitos tambores e, dentro em pouco, não havia terra africana onde não houvesse esse querido instrumento. Com ele transmitiam notícias a longas distâncias e com ele festejavam os grandes dias da sua vida e a sua raça.

O tambor tamborinho ficou tão querido e tão estremecido do povo africano que, em dias de tristeza ou em dias de alegria, é ele quem melhor exprime a grandeza da sua alma."

**COMO SURTIU A GALINHA D' ANGOLA**

Antigamente as aves viviam felizes nos campos e florestas africanas, até que a inveja se instalou entre elas tornando insuportável a convivência.

Nessa ocasião, quase todos os pássaros passaram a invejar a família do Melro, que era muito bonito. O macho, com sua plumagem negra e seu bico amarelo –alaranjado, despertava em todos a vontade de ser igual a ele. As fêmeas tinham o dorso preto, o peito pardo-escuro, malhado de pardo-claro, e a garganta com manchas esbranquiçadas. Elas causavam inveja maior ainda.

O Melro, vaidoso, certo de sua beleza, prometeu que se todas as aves o obedecessem usaria seus poderes mágicos e os tornaria negros com plumagem brilhante. Entretanto, os pássaros logo começaram a desobedecê-lo. Então ele, furioso, jurou vingança, rogou-lhes uma praga e deu-lhes cores e aspectos diferentes.

Para a Galinha D'Angola, disse que seria magra e sentiria fraqueza constante. Fez com que seu corpo se tornasse pintado assim como o de um leopardo. Dessa forma, seria devorada por aqueles felinos, que não suportariam ver outro animal que tivesse o corpo tão belo, pintado de uma maneira semelhante ao deles. Ela pagaria assim por sua inveja. E foi isso que aconteceu.

Desde esse dia a Galinha D'Angola, embora seja muito esperta e voe para fugir dos caçadores, vive reclamando to fraca, to fraca. Com suas perninhas magras, foge com seu bando assim que surge algum perigo e é muito difícil alcançá-la. Suas penas, cinzas, brancas ou azuladas, são sempre manchadinhas de escuro tornando as galinhas d'angola belas e cobiçadas.

### As duas irmãs

Há muito tempo, duas irmãs, Omelumma e Omeluka, adoravam brincar ao ar livre, rir e correr para todo lado. Certo dia, seus pais saíram para a feira que era um pouco longe de casa, e recomendaram:

- Cuidado com os animais da terra e do mar, porque muitas pessoas já foram levadas pelos monstros. Fiquem dentro de casa e não façam muito barulho. Quando fizerem comida, acendam um fogo pequeno, para que a fumaça não atraia os animais. E, quando secarem os grãos, façam em silêncio, para que os monstros não ouçam. Porém - disse o pai - o mais importante, é que não saiam para brincar com outras crianças. Fiquem dentro de casa.

As duas concordaram com tudo. Acenaram em despedida quando os pais se afastaram. Ficaram dentro de casa a manhã inteira, mas conforme as horas iam passando, aumentava a sensação de fome. Então, começaram a socar os grãos para fazer uma papa, e aquilo virou logo uma brincadeira. Elas riam e faziam muito barulho. Aí acenderam um grande fogo para que a comida ficasse pronta mais depressa, esquecendo-se da advertência dos pais.

Após comer até se fartar, as duas viram os amigos brincando no campo e foram correndo brincar com eles.

Enquanto brincavam, um rugido imenso saiu de dentro da mata e outro veio do mar, aparecendo muitos monstros que cercaram as crianças. Aterrorizadas, as duas correram, mas foram separadas. Os monstros do mar carregaram Omelumma e os da terra Omeluka. As duas pensaram: “se tivéssemos ouvido nossos pais. Agora seremos devoradas pelos monstros”.

Porém, eles não as devoraram, mas as venderam como escravas em lugares muito distantes de sua terra. Omelumma foi escolhida por um homem, que comprou-a e casou-se com ela. Omeluka, mais jovem, não teve a mesma sorte. Foi escolhida por um homem cruel, que a comprou, mas a fez de escrava, dando-lhe muitas tarefas dia e noite.

Passado um tempo ele vendeu-a para um outro homem ainda pior do que ele que a maltratava ainda mais. Assim, passaram-se muitos anos.

Enquanto isso, Omelumma vivia confortavelmente com o marido e deu à luz seu primeiro filho, um menino. O marido foi ao mercado para encontrar uma escrava que pudesse ajudá-la nas tarefas com o bebê e a irmã, Omeluka, estava lá, para ser vendida.

Assim, ele trouxe Omeluka para ser escrava da irmã, mas ela estava muito mudada, devido aos maus tratos que sofrera e Omelumma não reconheceu-a.

Todas as manhãs, Omelumma ia para o mercado e entregava o bebê aos cuidados da irmã, deixando também, muitas tarefas para serem realizadas. Omeluka se desdobrava, mas era muito serviço. Quando ia buscar água ou lenha, o bebê ficava em casa, todavia seu choro a trazia rapidamente de volta, e assim não trazia a lenha suficiente. A irmã quando chegava a surrava por não ter cumprido suas ordens, mas se ela deixava o bebê chorando, os vizinhos contavam e ela apanhava do mesmo jeito.

Ela tentou levar o bebê quando ia pegar lenha, mas não deu certo, porque não conseguia fazer o serviço com ele no colo.

Certa tarde, o bebê só interrompeu o choro, quando ela o colocou no colo e o embalou suavemente. Uma vizinha aproximou-se perguntando por que ela não fazia suas tarefas. Ela ficou com medo de ser denunciada e voltou ao trabalho. Mas o bebê começou a chorar e ela não teve saída senão se sentar e começar a embalá-lo de novo. Não sabendo mais o que fazer, finalmente entoou uma canção:

*Shsh, shsh, bebezinho, não chore mais*  
*Nossa mãe nos disse para não fazer fogo grande,*  
*Mas nós fizemos*  
*Nossa mãe nos disse para não fazer barulho,*  
*Mas nós fizemos.*  
*Nosso pai nos disse para não brincar lá fora,*

*Mas nós brincamos.*

*Então os monstros do mato e do mar nos levaram embora,*

*Para muito longe, muito longe!*

*E onde pode a minha irmã estar?*

*Muito longe, muito longe!*

*Shsh, shsh, bebezinho não chore mais.*

Uma velha que ouviu aquela cantiga, lembrou-se da história que Omelumma lhe contara, há muito tempo, sobre terem sido levadas pelos monstros do mar e da terra. Ela percebeu que a escrava devia ser a irmã de Omelumma, há tanto tempo sumida. Correu até o mercado para contar a novidade à Omelumma.

No dia seguinte, ela deu várias tarefas à irmã e em seguida saiu, para o mercado. Mas voltou em segredo e viu como a irmã corria de um lado para o outro tentando impedir o bebê de chorar enquanto fazia seu serviço. Finalmente a irmã sentou-se e começou a cantar a canção que a velha escutara.

Assim que Omelumma ouviu a canção, reconheceu que era sua irmã e, chorando de dor e remorso, chegou perto dela para pedir perdão.

As duas se abraçaram e choraram juntas. Em seguida Omelumma libertou a irmã, jurou nunca mais maltratar nenhum servo e quando o marido chegou também ficou muito feliz ao saber da novidade. Viveram depois disso, muito felizes.

### O Jabuti e o Leopardo

O jabuti, distraído como sempre, estava voltando apressado para casa. A noite começava a cobrir a floresta com seu manto escuro e o melhor era apertar o passo.

De repente ...caiu numa armadilha!

Um buraco profundo coberto por folhas de palmeiras que havia sido cavado na trilha, no meio da floresta, pelos caçadores da aldeia para aprisionar os animais.

O jabuti, graças a seu grosso casco, não se machucou na queda, mas...como escapular dali? Tinha que encontrar uma solução antes do amanhecer se não quisesse virar sopa para os aldeões...

Estava ainda perdido em seus pensamentos quando um leopardo caiu também na mesma armadilha!!! O jabuti deu um pulo, fingindo ter sido incomodado em seu refúgio, e berrou para o leopardo:

-Que é isto? O que está fazendo aqui? Isto são modos de entrar em minha casa? Não sabe pedir licença?!

E quanto mais gritava. E continuou...

-Não vê por onde anda? Não sabe que não gosto de receber visitas a estas horas da noite? Saia já daqui! Seu pintado mal-educado!!!

O leopardo bufando de raiva com tal atrevimento, agarrou o jabuti...e com toda a força jogou-o para fora do buraco!

O jabuti, feliz da vida, foi andando para sua casa tranquilamente!

Há! Espantado ficou o leopardo...

### O macaco e o hipopótamo

Em uma época muito antiga, quando as bananeiras produziam poucas bananas, existiam numerosos macacos.

Havia um deles chamado Travesso, que morava nas margens do rio.

O macaco Travesso possuía um grupo de bananeiras que lhe proporcionavam frutos suficientes para a sua alimentação, o que lhe trazia satisfação e orgulho porque os seus frutos eram os mais saborosos da região.

No rio habitava o hipopótamo Ra-Ra, que era o rei daquelas paragens.

A corpulência desse animal era notável e tão grande a sua boca, que podia tragar seis macacos de uma só vez. Além disso, gostava imensamente de bananas e, especialmente as da propriedade de Travesso.

Ra-Ra resolveu roubar-lhe as bananas, apesar de não ser um ato muito bonito para um rei.

Ordenou então a todos os papagaios que as trouxessem para a sua residência.

Entretanto, o macaco não arredava pé do seu grupo de bananeiras, a fim de impedir que desaparecessem os seus preciosos frutos.

Os papagaios logo encontraram este obstáculo sério e recorreram à astúcia para cumprir as ordens do rei. Após uma conferência de várias horas estudando diversas soluções para resolver eficientemente o problema do roubo, concordaram em dizer ao macaco que seu irmão estava muito doente e desejava vê-lo.

Quando Travesso recebeu a notícia, bom irmão que era, foi depressa procurar seu irmão doente. Verificou logo que aquilo não era verdade. Seu irmão estava gozando de boa saúde e, suspeitando imediatamente do que se tratava, voltou a toda pressa para perto de suas bananeiras.

Uma surpresa dolorosa o aguardava. Não ficara nem uma banana para semente. Enquanto lamentava sua perda aproximou-se um papagaio, dizendo-lhe:

— Oh!, irmão Travesso! Sabes que Ra-Ra, o hipopótamo, nos obrigou a roubar-te as bananas e depois não nos quis dar uma só!

— Ah! E' assim? Então espera... Irei à casa de Ra-Ra e tirar-lhe-ei as minhas bananas! — exclamou o macaco.

A serpente, que é um animal invejoso, cheio de defeitos, dos quais o pior é o espírito de intriga, passou por ali por acaso quando o macaco falava e, ato contínuo, foi contar tudo ao hipopótamo. — Está bem! — disse Ra-Ra. — Em tal caso ordeno ao Travesso que compareça aqui quanto antes.

A Serpente voltou ao lugar em que vivia Travesso e lhe deu a ordem de Ra-Ra, de modo que o macaco se pôs a tremer, pois, não era tão valente como as suas palavras pareciam revelar.

Era preciso obedecer e quando se dispunha a fazer a desagradável visita ao hipopótamo, ocorreu-lhe uma idéia. Preparou com o maior cuidado uma boa quantidade de visgo, a cola que usava para caçar passarinhos, e untou-se com ele muito bem. Feito isto encaminhou-se para a casa de Ra-Ra, à margem do rio.

— Disseram-me — disse-lhe o hipopótamo, ao vê-lo — que ameaçaste de vir recobrar tuas bananas. É certo que o disseste?

— De modo algum, senhor — respondeu Travesso. — Tanto minhas frutas como eu mesmo, estamos à sua disposição.

— Bem, fico muito satisfeito em ouvir estas palavras. Sem dúvida, quiseram fazer intriga e contaram-me essa mentira. Senta-te. Porém, procura fazê-lo de frente para mim e sem tocar em nenhuma das bananas que estão atrás de ti.

Assim fez Travesso, apoiando com força as costas, inteiramente untadas, contra as bananas.

— Disseram-me que sabes muitas histórias. Queres contar-me uma?

O macaco dispôs-se a satisfazer o desejo de seu soberano e lhe contou uma história muito interessante.

Enquanto isso não se esquecia de esfregar o corpo contra as bananas afim de que aderisse às suas costas o maior número delas. Terminado o conto, Ra-Ra disse-lhe:

— Obrigado. Podes sair, mas toma cuidado para saíres de frente para mim. Assim se deve fazer diante de um rei.

Nada podia favorecer melhor o macaco, que estava com as costas cheias das bananas que a elas se haviam colado.

Quando se viu fora da casa do hipopótamo, pôs-se a correr, ocultando-se.

Os papagaios não tardaram a descobrir a astúcia do macaco e foram correndo contar a Ra-Ra.

O hipopótamo, ao tomar conhecimento da notícia, teve tão grande ataque de raiva que virou de barriga para o ar, morrendo instantaneamente.

Então, os animais reuniram-se e, diante da inteligência do macaco, resolveram aclamá-lo soberano.

Ficou muito conhecido por sua esperteza e deram-lhe, então, o nome de Sua Majestade Travesso I, o Esperto.

E o seu governo foi sábio e prudente, durante anos e anos.

## A onça e a raposa

A onça estava cansada de ser enganada pela raposa, e mais irritada ainda por não conseguir pegá-la para poder fazer um bom guisado.

Um dia teve uma idéia: deitou-se na sua toca e fingiu-se de morta.

Quando os bichos da floresta souberam da novidade, ficaram tão felizes, mas tão felizes que correram na toca da onça para ver se a sua morte era mesmo verdade.

Afinal de contas, a onça era uma bicho danado! Vivia dado sustos nos outros animais! Por isso estavam todos muitos felizes com a notícia de sua morte.

A raposa porém, ficou desconfiada e como não é boba nem nada, ficou de longe, apreciando a cena. Atrás de todos os animais, ela gritou:

Minha avó quando morreu, espirrou três vezes. Quem tá morto de verdade, tem que espirrar.

A onça ouviu aquilo e para demonstrar para todos que estava mesmo mortinha da silva, espirrou três vezes.

– É mentira gente! Ela tá viva! - Gritou a raposa

Os bichos correram assustados, enquanto a onça levantava furiosa. A raposa fugiu rindo á beça da cara da sua adversária. Mas a onça não desistiu de apanhar a raposa e pensou num plano.

Havia uma grande seca na floresta, e os bichos para beber água tinham que ir num lago perto da sua toca. Então ela resolveu ficar ali.

Deitada. Quieta. Esperando...

Espreitando a raposa dia e noite, sem parar.

Um dia, irritada e com muita sede, a raposa resolveu dar basta naquela situação. E também elaborou um plano. Lambuzou-se de mel e espalhou um monte de folha seca por seu corpo cobrindo-o todo. Chegando ao lago encontrou a onça. Sua adversária, olhou-a bem e perguntou:

– Que bicho é você que eu não conheço?

Cheia de astúcia, a raposa respondeu:

– Sou o bicho folharal!

– Então, pode beber água.

Vendo que a raposa bebia água como se tivesse muita sede, a onça perguntou desconfiada:

– Está com muita sede hein!



Nisso, a água amoleceu o mel e as folhas foram caindo do corpo da raposa. Quando a última folha caiu, a onça descobrindo que foi enganada, pulou sobre ela. Mas nisso, a esperta raposa já tinha fugido rindo às gargalhadas.

### O caçador furtivo

PEDRO estava almoçando em companhia de seus pais. Prestava muita atenção à conversa dos mesmos, porque de fato era muito interessante.

— Há muitos caçadores furtivos nos bosques — disse o pai. — Joaquim, o guarda, diz que não sabe quem é o culpado, mas, que todas as noites desaparecem coelhos e aves. Deve, forçosamente, ser algum forasteiro!

— Escuta, papai — interrompeu Pedro — Joaquim não viu o caçador furtivo?

— Sim! Julga que uma vez chegou a vê-lo! — respondeu o pai. — É um indivíduo alto, forçado e com barbas!

Pedro ficou muito preocupado com o caçador furtivo e pensou que um dia Joaquim havia de surpreender o criminoso.

— Se eu tivesse uma espingarda como Joaquim, havia de persegui-lo todas as noites, e não teria medo algum! — pensou o menino. — Oxalá pudesse descobri-lo!

Dois dias depois, quando o sol se punha, deu-se a casualidade de estar Pedro debruçado à janela mais alta de sua casa. Procurava ver se descobria seu amigo Tomás, o filho do guarda, na colina situada em frente da casa.

Enquanto olhava, seus olhos se fixaram num indivíduo alto, que desaparecia nos bosques de seu pai.

O sol poente fez brilhar por um instante a arma de fogo que o desconhecido levava debaixo do braço. Pedro imediatamente se lembrou de que aquele indivíduo poderia muito bem ser o caçador furtivo.

— Quem será esse que a estas horas se mete nos bosques de papai? É alto e leva espingarda! Se for o caçador furtivo que hei de fazer eu agora?

Desceu correndo e dirigiu-se a Jaime, o cocheiro.

— Jaime, Jaime! — exclamou arquejante. — Nos bosques está um caçador furtivo! Veja se pode apanhá-lo!

— Calma, calma, Pedrinho! — respondeu Jaime sorrindo. — Estou vendo que queres caçoar comigo! — acrescentou.

— Juro que é verdade, Jaime! — exclamou o menino, agarrando-se ao braço do cocheiro. — Faz-me o favor de ir lá antes que seja tarde e que ele mate todas as aves e todos os coelhos de papai!

— Não diga tolices! — replicou o cocheiro. — Tenho muito o que fazer e se quiseres vai tu mesmo apanhar esse caçador furtivo!

Pedro compreendeu que era inútil insistir com Jaime, e, por isso, saiu a correr.

— Não há tempo de ir em busca de mais ninguém — pensou. — E se eu mesmo fosse apanhá-lo na floresta?

Correu em direção ao bosque e, antes mesmo de haver pensado no que faria, esbarrou com o desconhecido.

— Quem é você, menino? — perguntou aquele.

— Pouco lhe importa saber! — respondeu Pedro bruscamente, porque se sentia muito corajoso.

— Você é um caçador furtivo! — Joaquim já o viu uma vez. Você é alto, usa barba e traz espingarda! E hoje voltou para caçar indevidamente nos bosques de meu pai! Faça o favor de me acompanhar!

O desconhecido pôs-se a rir.

— E onde pretende levar-me? — perguntou.

— Aqui perto, em casa de meu pai! E não resista, porque papai ficará muito zangado!

— E se eu tentar fugir? — perguntou o homem. — O que fará você?

— Seguí-lo-ei — respondeu Pedro. — E posso afirmar-lhe que corro com muita rapidez! Além disso gritaria chamando Joaquim, o guarda, de forma que não tardaria em ser o senhor preso. É melhor vir comigo, porque se livrará dos pontapés e bordoadas que Joaquim certamente lhe aplicaria!

— Bom! — concordou o desconhecido. — Entrego-me e o acompanho.

Pedro o segurou pela manga do casaco e, tirando-o do bosque, levou-o até à sua casa.

O desconhecido o seguiu docilmente, sem intentar sequer a fuga.

Pedro se considerava muito valente. Acabava de prender, ele sozinho, um caçador furtivo. O que iria dizer o seu pai quando eles chegassem?

Além disso, estava muitíssimo contente porque todos os seus colegas de escola ficariam sabendo que ele era valente e não tinha medo de um caçador furtivo. Considerava-se um herói completo!

— Papai! Papai! — gritou ao chegar. — Venha ver o caçador furtivo! Eu o prendi e encerrei-o no telheiro! Tem espingarda e bolsa, que com certeza deve estar repleta de coelhos.

Papai e mamãe apressaram-se a acudir muito surpreendidos e Pedro os conduziu ao telheiro.

— Cuidado! — disse ele ao pai. — Pode tentar uma fuga e nos apanhar de surpresa.

Papai abriu a porta e olhou para dentro. Deu um grito de assombro e entrou no telheiro.

— Guilherme! Querido Guilherme! — exclamou. — De onde vens? Não esperávamos que você chegasse tão cedo!

Aquele homem de elevada estatura saiu sorrindo e segurando no braço de papai. Pedrinho não podia compreender o que significava aquilo. Pois não é que seu pai tratava amigavelmente aquele desconhecido?

— Este é o teu tio Guilherme! — disse o pai a Pedro. — Vem de caçar tigres em um país muito distante, para passar uma temporada conosco. E você menino foi prendê-lo, confundindo-o, com um caçador furtivo!

“Meu Deus!”

Pedro ficou vermelho como um tomate e muito envergonhado olhou para o seu tio Guilherme!

— Sinto muito! — disse por fim. — A verdade é que pensei mesmo que o senhor fosse um caçador furtivo!

O menino acrescentou ainda:

— Por que então, o senhor não me disse logo que era o tio Guilherme? Teria evitado o aborrecimento de fechá-lo no telheiro!

— Você é o menino mais valente que tenho conhecido — respondeu o tio. — Você sozinho me apanhou e me prendeu quando eu menos esperava! Prometo um dia levá-lo comigo, porque estou orgulhoso de ter um sobrinho como você!

A aventura, pois, não teve conseqüências. Papai estava muito orgulhoso de Pedro e a mesma coisa pensava a mamãe.

Assim, portanto, Pedro não se envergonhou quando, brincando, zombavam dele por ter encerrado o tio Guilherme no telheiro do jardim, pensando ser um herói conforme vira no cinema.

Entretanto, no íntimo, Pedrinho estava desgostoso. Se os seus amiguinhos viessem, a saber, do acontecido, caçoariam dele e teria que demonstrar que não admitia brincadeiras.

Pedro e o tio Guilherme se fizeram muito bons amigos.

Não tardaram em empreender uma viagem muito longa, não para prender caçadores furtivos, mas, para matar tigres na África. Lá pôde demonstrar a sua coragem não fugindo nunca aos constantes perigos das florestas africanas.

Hoje ele tem satisfação em ter sido valente.

### *A menina que não falava*

Certo dia, um rapaz viu uma rapariga muito bonita e apaixonou-se por ela. Como se queria casar com ela, no outro dia, foi ter com os pais da rapariga para tratar do assunto.

-Essa nossa filha não fala. Caso consigas fazer-la falar, podes casar com ela - responderam os pais da rapariga.

O rapaz aproximou-se da menina e começou a fazer-lhe várias perguntas, a contar coisas engraçadas, bem como a insulta-la, mas a miúda não chegou a rir e não pronunciou uma só palavra. O rapaz desistiu e foi-se embora.

Após este rapaz, seguiram-se outros pretendentes, alguns com muita fortuna mas, ninguém conseguiu fazer-la falar. O último pretendente era um rapaz sujo, pobre e insignificante. Apareceu junto dos pais da rapariga dizendo que queria casar com ela, ao que os pais responderam:

-Se já várias pessoas apresentáveis e com muito dinheiro não conseguiram fazer-la falar, tu és que vais conseguir? Nem penses nisso!

O rapaz insistiu e pediu que o deixassem tentar a sorte. Por fim, os pais acederam. O rapaz pediu à rapariga para irem à sua machamba, para esta o ajudar a sacha. A machamba estava carregada de muito milho e amendoim e o rapaz começou a sacha-los.

Depois de muito trabalho, a menina ao ver que o rapaz estava a acabar com os seus produtos, perguntou-lhe:

-O que estás a fazer?

O rapaz começou a rir e, por fim, disse para regressarem a casa para junto dos pais dela e acabarem de uma vez com a questão.

Quando aí chegaram, o rapaz contou o que se tinha passado na machamba. A questão foi discutida pelos anciãos da aldeia e organizou-se um grande casamento.

### **A gazela e o caracol**

Uma gazela encontrou um caracol e disse-lhe:

\_Tu, caracol, és incapaz de correr, só te arrastas pelo chão.

O caracol respondeu:

\_Vem cá no Domingo e verás!

O caracol arranjou cem papéis e em cada folha escreveu:

“Quando vier a gazela e disser: *caracol*, tu respondes com estas palavras: "*Eu sou o caracol*".

Dividiu os papéis pelos seus amigos caracóis dizendo-lhes:

\_Leiam estes papéis para que saibam o que fazer quando a gazela vier.

No Domingo a gazela chegou à povoação e encontrou o caracol. Entretanto, este pedira aos seus amigos que se escondessem em todos os caminhos por onde ela passasse, e eles assim fizeram.

Quando a gazela chegou, disse:

\_Vamos correr, tu e eu, e tu vais ficar para trás!

O caracol meteu-se num arbusto, deixando a gazela correr.

Enquanto esta corria ia chamando:

\_\_Caracol!

E havia sempre um caracol que respondia:

\_\_Eu sou o caracol.

Mas nunca era o mesmo por causa das folhas de papel que foram distribuídas.

A gazela, por fim, acabou por se deitar, esgotada, morrendo com falta de ar. O caracol venceu, devido à esperteza de ter escrito cem papéis.

### O homem chamado namarasotha

Havia um homem que se chamava Namarasotha. Era pobre e andava sempre vestido com farrapos. Um dia foi à caça. Ao chegar ao mato, encontrou uma impala morta. Quando se preparava para assar a carne do animal apareceu um passarinho que lhe disse:

\_\_ Namarasotha, não se deve comer essa carne. Continua até mais adiante que o que é bom estará lá.

O homem deixou a carne e continuou a caminhar. Um pouco mais adiante encontrou uma gazela morta. Tentava, novamente, assar a carne quando surgiu um outro passarinho que lhe disse:

\_\_ Namarasotha, não se deve comer essa carne. Vai sempre andando que encontrarás coisa melhor do que isso.

Ele obedeceu e continuou a andar até que viu uma casa junto ao caminho. Parou e uma mulher que estava junto da casa chamou-o, mas ele teve medo de se aproximar pois estava muito esfarrapado.

\_Chega aqui! - insistiu a mulher.

Namarasotha aproximou-se então.

\_\_Entra - disse ela.

Ele não queria entrar porque era pobre. Mas a mulher insistiu e Namarasotha entrou, finalmente.

\_Vai te lavar e veste estas roupas - disse a mulher.

E ele lavou-se e vestiu as calças novas. Em seguida, a mulher declarou:

\_\_A partir deste momento esta casa é tua. Tu és o meu marido e passas a ser tu a mandar.

E Namarasotha ficou, deixando de ser pobre.

Um certo dia havia uma festa a que tinham de ir. Antes de partirem para a festa, a mulher disse a Namarasotha:

\_Na festa a que vamos quando dançares não deverás virar-te para trás.

Namarasotha concordou e lá foram os dois. Na festa bebeu muita cerveja de farinha de mandioca e embriagou-se. Começou a dançar ao ritmo do batuque. A certa altura a música tornou-se tão animada que ele acabou por se virar.

E no momento em que se virou, ficou como estava antes de chegar à casa da mulher: pobre e esfarrapado.

### O rato e o caçador

Antigamente havia um caçador que usava armadilhas, abrindo covas no chão. Ele tinha uma mulher que era cega e fizera com ela três filhos.

Um dia, quando visitava as suas armadilhas, encontrou-se com um leão:

\_\_Bom dia, senhor! Que fazes por aqui no meu território?

\_\_ Ando a ver se as minhas armadilhas apanharam alguma coisa -respondeu o homem.

\_\_Tu tens de pagar um tributo, pois esta região pertence-me. O primeiro animal que apanhares é teu e o segundo meu e assim sucessivamente.

O homem concordou e convidou o leão a visitar as armadilhas, uma das quais tinha uma presa, uma gazela. Conforme o combinado, o animal ficou para o dono das armadilhas.

Passado algum tempo, o caçador foi visitar os seus familiares e não voltou no mesmo dia. A mulher, necessitando de carne, resolveu ir ver se alguma das armadilhas tinha presa. Ao tentar encontrar as armadilhas, caiu numa delas com a criança que trazia ao colo.

O leão que estava à espreita entre os arbustos, viu que a presa era uma pessoa e ficou à espera que o caçador viesse para este lhe entregar o animal, conforme o contrato.

No dia seguinte, o homem chegou a sua casa e não encontrou nem a mulher nem o filho mais novo. Resolveu, então, seguir as pegadas que a sua mulher tinha deixado, que o guiaram até à zona das armadilhas.

Quando aí chegou, viu que a presa do dia era a sua mulher e o filho. O leão, lá de longe, exclamou ao ver o homem a aproximar-se:

\_\_Bom dia amigo! Hoje é a minha vez! A armadilha apanhou dois animais ao mesmo tempo. Já tenho os dentes afiados para os comer!

\_\_ Amigo leão, conversemos sentados. A presa é a minha mulher e o meu filho.

\_\_Não quero saber de nada. Hoje a caçada é minha, como rei da selva e conforme o combinado, protestou o leão.

De súbito, apareceu o rato.

\_\_Bom dia titios! O que se passa? - Disse o pequeno animal.

\_\_Este homem está a recusar-se a pagar o seu tributo em carne, segundo o combinado.

\_\_Titio, se concordaram assim, porque não cumpres? Pode ser a tua mulher ou o teu filho, mas deves entrega-los. Deixa isso e vai-te embora, disse o rato ao homem.

Muito contrariado, o caçador retirou-se do local da conversa, ficando o rato, a mulher, o filho e o leão.

\_\_ Ouve, tio leão, nós já convencemos o homem a dar-te as presas. Agora debes-me explicar como é que a mulher foi apanhada. Temos que experimentar como é que esta mulher caiu na armadilha (e levou o leão para perto de outra armadilha).

Ao fazer a experiência, o leão caiu na armadilha.

Então, o rato salvou a mulher e o filho, mandando-os para casa.

A mulher, vendo-se salva de perigo, convidou o rato a ir viver para a sua casa, comendo tudo o que ela e a sua família comiam.

Foi a partir daqui que o rato passou a viver em casa do homem, roendo tudo quanto existe...

### Os segredos da nossa casa

Certo dia, uma mulher estava na cozinha e, ao atçar a fogueira, deixou cair cinza em cima do seu cão.

O cão queixou-se:

\_\_ A senhora, por favor, não me queime!

Ela ficou muito espantada: um cão a falar! Até parecia mentira...

Assustada, resolveu bater-lhe com o pau com que mexia a comida. Mas o pau também falou:

\_\_O cão não me fez mal. Não quero bater-lhe!

A senhora já não sabia o que fazer e resolveu contar às vizinhas o que se tinha passado com o cão e o pau.

Mas, quando ia sair de casa a porta, com um ar zangado, avisou-a:

\_\_Não saias daqui e pensa no que aconteceu. Os segredos da nossa casa não devem ser espalhados pelos vizinhos.

A senhora percebeu o conselho da porta. Pensou que tudo começara porque tratara mal o seu cão. Então, pediu-lhe desculpa e repartiu o almoço com ele.

### Todos dependem da boca...

Certo dia, a boca, com ar vaidoso, perguntou:

\_\_Embora o corpo seja um só, qual é o órgão mais importante?

Os olhos responderam:

\_\_O órgão mais importante somos nós: observamos o que se passa e vemos as coisas.

\_\_ Somos nós, porque ouvimos - disseram os ouvidos.

\_\_Estão enganados. Nós é que somos mais importantes, porque agarramos as coisas - disseram as mãos.

Mas o coração também tomou a palavra:

\_\_Então e eu? Eu é que sou importante: faço funcionar todo o corpo!

\_\_ E eu trago em mim os alimentos! - interveio a barriga.

\_\_Olha! Importante é aguentar todo o corpo como nós, as pernas, fazemos.

Estavam nisto quando a mulher trouxe a massa, chamando-os para comer. Então os olhos viram a massa, o coração emocionou-se, a barriga esperou ficar farta, os ouvidos escutavam, as mãos podiam tirar bocados, as pernas andaram... mas a boca recusou comer. E continuou a recusar.

Por isso, todos os outros órgãos começaram a ficar sem forças...

Então a boca voltou a perguntar:

\_\_Final qual é o órgão mais importante no corpo?

\_\_És tu boca - responderam todos em coro. Tu és o nosso rei!

### Uma ideia tonta

Um dia a hiena recebeu convite para dois banquetes que se realizavam à mesma hora em duas povoações muito distantes uma da outra. Em qualquer dos festins era abatido um boi, e sabe-se que hiena é especialmente gulosa.

\_\_Não há dúvida de que tenho de assistir aos dois banquetes, pois não quero desconsiderar os anfitriões. Também as oportunidades de comer carne de boi não são muitas... mas como hei de fazer, se as festas são em lugares tão distantes um do outro?

A hiena pensou, pensou... e, de repente, bateu com a mão na testa.

\_\_Descobri! Afinal é simples... -disse ela, muito contente com a sua esperteza.

Saiu à pressa de casa. Assim que chegou ao local donde partiam os dois caminhos que levavam aos locais das festas, começou a andar pelo caminho que ficava do lado direito com a perna direita e pelo caminho que ficava do lado esquerdo, com a perna esquerda.

Pensava chegar deste modo a ambas as festas ao mesmo tempo. Mas começou a ficar admirada de lhe custar tanto caminhar dessa maneira. E fez tanto esforço, que se sentiu dividir em duas de alto a baixo.

Coitada, lá a levaram ao médico que a proibiu, desde logo, de comer carne de boi durante um mês.

É muito tonta a hiena!



### O fim da amizade entre o corvo e o coelho

O Corvo era muito amigo do Coelho. Combinaram, um dia, que cada um deles transportasse o companheiro às costas, indo de povoação em povoação, para dar a conhecer às pessoas a amizade que os unia.

O Corvo começou a carregar o Coelho. Andou com ele às costas pelas aldeias e a gente, quando o via, perguntava-lhe:

\_\_ Ó Corvo, que trazes tu aí?

\_\_ Trago um amigo meu que acaba de chegar de Namandicha.

Passou assim com ele por muitas terras.

Chegou depois a vez de ser o Coelho a carregar com o Corvo. Ao passar por uma aldeia, os moradores perguntaram-lhe:

\_\_ Ó Coelho, que trazes tu às costas?

\_\_ Ora, ora, trago penas, penugem e um grande bico - respondeu, a troçar, o Coelho.

O Corvo não gostou que o companheiro o gozasse daquela maneira, saltou logo para o chão e deixaram de ser amigos.

### O cágado e o lagarto

Num ano em que havia pouca comida, o Cágado pegou no dinheiro que tinha economizado e foi a Nanhagaia onde comprou um saco de milho.

Quando voltava para casa, viu, a certa altura, um tronco de árvore atravessado no caminho. Como não conseguia passar por cima dele, atirou o saco de milho para o outro lado e depois foi dar a volta.

Quando estava a dar a volta, ouviu uma voz a gritar:

\_\_ Viva, viva, tenho um saco de milho que caiu lá de cima.

Era o Lagarto, que segurava o saco que o Cágado tinha atirado.

O Cágado protestou:

\_\_ Não. O saco é meu. Comprei-o agora e vou leva-lo para casa.

O Lagarto não quis ouvir nada e levou o saco para casa dele, dizendo:

\_\_Eu não o roubei a ninguém. Achei-o. Vou comer o milho porque encontrei o saco.

O Cágado ficou muito zangado mas não podia fazer nada. Cheio de fome, no dia seguinte foi com os filhos ver se encontrava alguma coisa para comer.

A certa altura, viram o rabo do Lagarto que saía de dentro de um buraco, só com o rabo de fora.

O Cágado agarrou no rabo e numa faca e preparou-se para o cortar. Depois de cortado, levou-o para casa e comeu-o com os filhos.

O Lagarto que, entretanto tinha conseguido sair do buraco, foi queixar-se ao responsável da aldeia:

\_\_O Cágado cortou-me o rabo. Mande-o chamar para ele dizer porque é que me cortou o rabo.

O responsável convocou o Cágado e perguntou-lhe:

\_\_É verdade que tu cortaste o rabo ao Lagarto?

O Cágado, que era muito esperto, disse:

\_\_ É verdade que eu encontrei um rabo perto de um buraco e o levei para casa para comer, mas não era de ninguém. Eu não vi mais nada senão o rabo.

\_\_Mas o rabo era meu - gritou o Lagarto - tens de o pagar.

O Cágado respondeu:

\_\_Não, não pago. Eu fiz o mesmo que tu fizeste ontem. Tu ontem encontraste o meu saco de milho e comeste-o. Eu hoje encontrei o teu rabo e comi-o. Agora estamos pagos.

O responsável achou que ele tinha razão e mandou-os embora.

### O caracol e a impala

Uma Impala, muito vaidosa da sua agilidade e da rapidez com que corria, encontrou um Caracol e começou a fazer pouco dele:

\_\_ Ó Caracol, tu não és capaz de correr. Que vergonha, só és capaz de te arrastar pelo chão.

O Caracol, que era esperto, resolveu enganar a Impala. Por isso desafiou-a:

\_\_ Vem cá no próximo domingo e vamos fazer uma corrida por esta estrada, desde aqui até ao rio.

\_\_ Uma corrida comigo? - perguntou, espantada, a Impala. — Está bem, cá estarei.

E afastou-se a rir, pensando que o Caracol era maluco por querer correr com ela.

O Caracol, entretanto, como tinha ido à escola e sabia ler e escrever, escreveu uma carta a todos os caracóis amigos dele que moravam ao longo da estrada até ao rio. Nessa carta ele dizia aos amigos para, no domingo, estarem junto à estrada e, quando passasse a Impala, se ela chamasse pelo Caracol, eles responderem: "Cá estou eu, o Caracol."

No domingo, a Impala encontrou-se com o Caracol e, a rir muito, disse-lhe:

\_\_Vamos lá então correr os dois e ver quem chega primeiro ao rio.

O Caracol deixou-a partir a correr e escondeu-se num arbusto. A Impala corria e, de vez em quando, gritava:

\_\_Caracol, ó Caracol, onde é que tu estás?

E havia sempre um dos amigos do Caracol que estava ali perto e respondia:

\_\_Cá estou eu, o Caracol.

A Impala, que julgava ser sempre o mesmo Caracol que ia a correr com ela, corria cada vez mais, mas havia em todos os momentos um Caracol para responder quando ela chamava.

De tanto correr, a Impala acabou por se deitar muito cansada e morrer com falta de ar.

O Caracol ganhou a aposta porque foi mais esperto que a Impala e tinha ido à escola junto com os outros caracóis e todos sabiam ler e escrever. Só assim se puderam organizar para vencer a Impala.

### O elefante, escravo do coelho

Uma vez, o Coelho andava a passear e encontrou um grande ajuntamento de animais sentados à sombra de uma árvore. Cheio de curiosidade, quis logo saber do motivo daquela reunião e perguntou:

\_\_ Então o que é que se passa? Que novidades há por aqui?

Um dos animais explicou:

\_\_ Trata-se de um milando e estamos à espera do Elefante, o nosso chefe, para o resolver.

\_\_ O quê?... O quê?... O Elefante vosso chefe? - perguntou o Coelho, franzindo a testa.

E continuou:

\_\_ O Elefante não é chefe nenhum! O Elefante é meu escravo e leva-me sempre às costas a qualquer parte que eu queira!

Alguns do grupo admiraram-se:

\_\_ Como pode o Elefante ser teu escravo se tu és tão pequeno?

\_\_ O ser pequeno nada tem a ver com o meu valor - replicou o Coelho.

E, em tom autoritário, acrescentou:

\_Já vos disse e torno a dizer que o Elefante não é chefe, é meu escravo, e por isso, vocês podem ir embora daqui, que nesta coisa de resolver milandos ele não tem nada que se meter.

Dito isto, o Coelho dirigiu os passos para sua casa e muitos dos animais foram-se também embora dali por terem acreditado nas suas palavras.

Algum tempo depois, chegou o Elefante e perguntou:

Então onde estão os outros que aqui faltam? Atrasaram0se na viagem?

\_\_ Não! \_\_ explicaram0lhe os poucos animais que lá tinham ficado. — Os que aqui faltam foram-se embora há pouco tempo, porque passou neste lugar o Coelho e disse-nos que tu, Elefante, não és chefe, mas sim, um escravo dele.

O Elefante tremeu todo de indignação e, muito furioso, resmungou:

\_\_ Ah, Coelho malandro! Coelho vigarista!... Deixa lá que, hoje mesmo, me darás conta de palavras tão injuriosas e tão vis!...

Entretanto, o Coelho chegou a casa e fingiu-se doente. A mulher, cheia de pena, foi estender uma esteira e o Coelho deitou-se nela.

Daí a momentos chegou a Impala, que era cunhada do Coelho, avisando-o de que o Elefante já se aproximava para lhe fazer mal. E, transmitido o recado, retirou-se.

O Coelho, manhoso, entrou então em grandes convulsões, soltando, ao mesmo tempo, gemidos tão lastimosos que era mesmo de partir o coração.

Chegou o Elefante que se pôs a roncar, muito mal disposto:

\_\_ Ó Coelho, ó malandro, salta depressa cá para fora, que tens de me acompanhar.

O Coelho murmurou, a gemer e entrecortando as palavras:

\_\_ Oh! Por... fa... vor! Des... cul... pe-me... porque eu... não... es...tou... bom!... dói-me mui...to... o cor... po to...do! Isto foi... um mal que me deu de re... pen... te...

\_\_ Não quero saber! Seja como for, tens de vir comigo ao lugar onde estão reunidos os outros animais, porque ouvi dizer que tiveste o descaramento de enxovalhar o meu título de chefe e de dizer que eu sou teu escravo \_ replicou o Elefante.

\_\_ Tens to... da a ra... zão... mas o cer... to é que eu... não aguen... to ca... mi... nhar... para te po... der... acom... pa... nhar!

\_\_ Já te disse, tens de vir comigo, custe o que custar, mesmo que eu tenha de te levar às costas  
\_\_ ordenou o Elefante.

\_\_ Então só se for desse mo... do, mas fi... ca... sa... ben... do que mes... mo assim a via... gem me vai ser muito... pe... no... sa.

E, logo a seguir, chamou a mulher e disse, chorosamente:

\_\_ Dá cá a minha ca... mi... sa nova. Hi... Hi... Hi... Hi... vai tam... bém bus... car as minhas cal... ças no... vas.

E, depois:

\_\_ Já a... go... ra, traz tam... bém os meus sa... pa... tos no... vos! É que po... de a... con... te... cer que eu morra e, ao me... nos, que... ro morrer com os meus tra... jes mais ricos.

Uma vez o Coelho vestido e calçado, o Elefante abaixou-se e o Coelho saltou-lhe para as costas, onde se instalou muito bem instalado.

Estava um calor de rachar pedras. Antes de partir, o Coelho gritou para a mulher:

\_\_ Ó mulher, dá-me cá a sombrinha porque está muito calor... e posso agravar os meus males com alguma insolação.

O Elefante, em grandes e rápidas passadas, pôs-se a caminho da reunião.

Quando se aproximavam do lugar, o Coelho, deixando de fingir que estava doente, ensaiou uma atitude de pessoa importante e esboçou um sorriso feliz.

Os outros animais ao verem o Coelho assim todo solene e bem apresentado, às costas do Elefante, começaram todos com grandes exclamações:

\_\_ Olha! Olha!... Sempre é verdade o que o Coelho dizia. O Elefante é escravo dele... pois que o traz às costas.

Quando o Elefante parou, o Coelho deu um salto, muito ágil e elegante, para o chão e, tomando a palavra, dirigiu-se assim aos outros animais:

\_\_ Estão a ver?... Estão a ver?... Eu não vos dizia que o Elefante é o meu escravo?

Todos os animais presentes romperam em grande gritaria, clamando:

\_\_ É verdade, sim senhor, é verdade. Tu, Elefante, não és chefe nenhum!... És escravo do Coelho pois o carregas às costas.

O Elefante só então deu pelo ato de estupidez que cometera e, cheio de vergonha, desandou dali para fora.

## ADIVINHAS

Todos me pisam

Mas eu não piso em ninguém

Todos perguntam por mim,

E eu não pergunto por ninguém.

### **O caminho**

-----

Somos muitos irmãozinhos, em uma só casa vivemos, se nos coçam a cabeça, num instante morremos.

### **Os fósforos**

-----

Fui na feira e comprei uma bela, cheguei em casa e comecei a chorar com ela.

### **A cebola**

-----

Uma casinha com duas janelinhas

Se olhas para ela, ficas zarolha.

**O nariz**

-----

Ouro não é, prata não é, abre a cortina e verás o que é.

**a banana**

-----

O que é que é que nunca volta, embora nunca tenha ido?

**o Passado**

-----

O que é que se pões na mesa, parte, reparte mas não se come

**baralho**

-----

O que é que dá um pulo e se veste de noiva?

**pipoca**

-----

Está no meio do ovo

**A letra V**

-----

O que o zero disse para o oito?

**Que cinto maneiro!!!**

-----

Por que o computador foi preso?

**Porque ele executou um programa.**

-----

Qual o pé que é mais rápido

**O pé- de- vento!!!**

-----

O que é, o que é

Que não se come

Mas é bom para se comer?

**Talher**

-----

Tem coroa, mas não é rei, tem raiz, mas não é planta?

**O Dente**

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2008.

FONSECA, Dagoberto José. As relações Brasil-África subsaariana: oralidade, escrita e analfabetismo. In: CHAVES, Rita. (org.) **Brasil / África: como se o mar fosse mentira**. São Paulo: UNESP; Luanda: Chá de Caxinde, 2006. p. 111-127.

HAMPATÉ BÂ. Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (coord.) **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África**. Brasília: Unesco, 2010, v.1, p. 167-212.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

[https://www.eurekalert.org/pub\\_releases/.../cp-hcc092514.php](https://www.eurekalert.org/pub_releases/.../cp-hcc092514.php) acesso em 23/12/2016  
(não consegui abrir essa para arrumar)

<https://www.portaleducacao.com.br> > ... > Artigos > Educação Infantil acesso em 23/12/2016 (não consegui abrir essa para arrumar)

MEC. **Contribuições para a implantação da Lei 10.639/2003**. Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes curriculares Nacionais da educação das relações Étnico-raciais e para o ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10.639/2003. Brasília (DF), 2008.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A narrativa africana de expressão oral**: transcrita em português.

LIMA, Heloisa Pires. **Toques do Griô**: Memórias sobre contadores de história africanas. GUIA INFANTIL. **Adivinhas ou adivinhações para brincar com as crianças**. Disponível em: <http://br.guiainfantil.com/adivinhacoes/136-adivinhacoes-para-brincar-com-as-criancas.html> Acesso em 08 jan. 2017.

### 3- PORTFÓLIO

#### **Histórias de vida e memórias**

Eu, Maria da Consolação Lima Rosa, iniciei minha trajetória na educação aos 6 anos na Escolinha Infantil Combinada.

Nascida em uma cidade pequena, tradicionalista e preconceituosa sofri desde cedo as arranhaduras do preconceito e do racismo. Nesta época, o racismo era muito mais aflorado e menos mascarado ou velado como é hoje. Lembro-me que muitas vezes fiquei de fora de brincadeiras, ou sendo chacota de outra criança. Lembro também de



participar de alguns eventos escolares, como apresentações, mas a maioria das vezes, a professora escolhia alguém de “boa aparência”. Porque negro, para a sociedade, não tem boa aparência.



1971 – Formatura do Pré-escolar Escola Infantil Combinada (S.J. Nepomuceno)



Desfile no Democrático Futebol clube – 1971

Hoje sou professora. Cursando a pós de História da África, anseio poder trabalhar os temas relativos a História da África e africanidades na educação Infantil com a questão do racismo, tentando bloquear nas crianças, e ao mesmo tempo tentando desconstruindo em seus familiares, o imaginário de África e a formação de preconceito que geralmente inicia no ceio familiar. A família é a primeira “sociedade” com quem as crianças convivem e aprendem. Posteriormente, vêm o convívio com a sociedade, a qual ainda hoje permanece com uma visão europeia, onde o negro é marginalizado.

No Ensino fundamental comecei a despertar para a questão do preconceito que eu sofria, mas também o praticava. Pois, se a educação que me passam é de uma visão

européia, vou reproduzi-la no meu agir e pensar, desfazendo dos que eu achava serem mais pobres e mais pretos que eu. No antigo ginásio, ou de 5ª a 8ª série, foi o período em que mais sofri o preconceito, pois tudo era motivo de gozação ou bullying: por ser campeã de corrida era intitulada de urubu flecha ou urubu rei. Era como se dissessem você é a melhor, mas é preta.



Carnaval de 1978

A convivência na rua onde morava também tinha seus impasses, pois em várias épocas era a única negra da rua, e em algumas brincadeiras, era deixada para trás ou de lado. Mas nada me abatia, eu ia para rua de trás e brincava lá.

Recordo de um carnaval em que fomos à matinê no Trombeteiros Futebol Clube. Como já descrevi, em minha cidade, se pobre não tinha vez imagine negro?! O porteiro do clube deixou minhas três colegas que eram brancas e uma que tinha a pele escura,

mas o cabelo ondulado, entrar e isso na minha frente, alegando que não tinha me deixado passar porque só entrava sócio. Então falei para ele:

– As quatro meninas que passaram são minhas colegas e não são sócias, se você não me deixar entrar vou chamar a polícia. Porque isso é preconceito.

Então ele me deixou entrar.

Relembrando parte da adolescência, vejo o quanto é importante trabalhar a cultura afro e de afrodescendentes com as crianças, identificando negros que foram ou são destaque vitoriosos e exemplos de luta contra o racismo, estimulando-os a auto-estima, a busca por melhor qualidade de vida e a valorização do ser negro.

Para cursar o magistério, com 15 anos, parei o carro de um deputado no meio da praça de S. João e pedi uma bolsa. Ele falou que me daria e assim comecei o 2º grau, no único colégio da cidade o qual era particular e só estudava quem tinha dinheiro para pagar ou bolsista, que na maioria eram brancos. Lembro-me de conversar com todas as alunas, mas só fazia trabalhos com a irmã Teresinha (hoje falecida) provedora do Hospital, na época, e com outra colega, a Rute.



E. E. Dr. Francisco Zágari – 1990

Neste tempo, meninas negras como eu, em sua maioria, já trabalhavam em casas de família. Por isso, ouvi pessoas, às vezes, falando que eu estava estudando para ser doméstica. E iniciei sim, trabalhando como doméstica enquanto estudava. Posteriormente trabalhei com serviços gerais no hospital e no comércio, depois fui trabalhar no Estado como contratada e na Prefeitura como concursada. E em todas as duas esferas (estadual e municipal) percebe-se um preconceito velado de alguns colegas

de trabalho, em outros o racismo mascarado, que só acham bonitas as crianças brancas, de olhos claros.

Hoje casada, graduada em Normal Superior e Especialização em Supervisão, Gestão Escolar e Ambientes não Escolar; morando em juiz de fora, ainda passo por várias atitudes de racismo, desde uma criança, que não quer ter uma professora preta, a alunos do EJA que se admiram quando chego e digo que sou professora. Como se não bastasse, encontro também profissionais da educação, que são sutilmente preconceituosos com alunos e colegas de trabalho.



Creche, bairro Barbosa Lage – 1993

A lei 10639/03 torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, mas acredito que só se terá êxito na sua aplicação através da formação de professores comprometidos em combater o racismo e acabar com a desigualdade social, que promovam a construção de ações afirmativas que valorizem a cultura de matriz africana e as relações étnico-raciais.

Pensando assim, hoje, busco conhecer melhor a História da África e a cultura Afro-brasileira, para poder trabalhá-la no âmbito escolar.



Creche Benfica – 2004

Maria da Consolação Lima

10 de Maio de 2016

**Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis**



Nessa trajetória me encontro hoje participando do presente curso que vem me enriquecendo de conhecimentos e proporcionando várias formas de implementar a lei nº10.639/03. Desde a ed. Infantil aos anos finais da ed. Básica.

Lembro-me de uma dinâmica que fizemos no início do curso para diagnosticar o nosso conhecimento sobre África. Percebi então como o meu conhecimento era limitado.



É através de dinâmicas como esta que busco trabalhar com meus alunos do Ens. Fundamental, fazendo adaptações à faixa etária.

Atualmente trabalho com a Ed. Infantil e é através de lendas e contos africanos que venho ressaltando a beleza da pele e traços negros, como forma de superar o racismo na sala de aula e conseqüentemente na escola. Como foi falado nas aulas com a prof<sup>a</sup>. Perses Canelles, através de contos e lendas o conhecimento há muitos anos vem sendo passado pelos griôs. Pois, através da contação de histórias podemos levar conhecimento aos nossos educando.

em relação à história africana, referimos a tradição oral e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos.” (HAMPATÉ BÂ, ano, p. X)

Segundo Vansina (ano) toda literatura oral tem sua própria divisão de gêneros literários. O historiador não só tentará apreender o significado desses gêneros para a cultura que está estudando, mas também colherá ao menos uma mostra representativa de cada um, pois em todos eles pode se encontrar informações históricas.

Acredito que não só os historiadores mas todos nos devemos aprender tais significados para cada cultura e assim permitir que ao contar uma história consigamos atingir o objetivo de repassar tal cultura.



Nos anos iniciais, quando contratada além de trabalhar com contos e lendas com o mesmo ideal, busco trabalhar a desconstrução do imaginário que a África é uma savana ou floresta e que os negros moram no mato onde existem só animais.



Cairo

Explicando que a África é um continente onde há vários países, com línguas e culturas diferentes e que na África há cidades e metrópole. Que muitas de nossas favelas têm a formação de cidades africanas, pois ao término da escravidão os negros foram se alojar nos morros. Pretendo trabalhar com eles o mapa do continente africano para que percebam a dimensão deste continente, e os países nele contido, bem como de onde



saíram os negros que foram trazidos para o Brasil. Como chegaram aqui? E em que condições? A colaboração destes na construção de nosso país que perpassa desde a lavoura à construção de casas, igrejas e cidade valorizando assim o negro e todas as profissões. Levantar questões sobre a vinda do negro para o Brasil: Será que queriam vir ou vieram obrigados? Como foi essa travessia? Explicar a questão de serem escravos em sua terra, devido a dívidas ou serem reféns de guerra. Fazendo uma interdisciplinaridade entre História, Geografia, Matemática, Português e Artes estudando junto as crianças o mapa da África e o Brasil, comparando território, vegetação, quantidade de negros trazidos ou que saíram da África e a quantidade que chegou ao Brasil. Falar sobre a influência do negro nos instrumentos musicais e objetos de trabalho, bem como sua colaboração na artes, na religião, na cultura popular e em nossa alimentação.

Em outro momento pretendo trabalhar debates sobre o que é racismo? O que é preconceito? Pesquisa de pessoas negras e famosas no Brasil. Músicas, religião e danças de raízes africanas. De forma a ressaltar sempre a importância do conhecimento da cultura africana e afro-brasileira para a nossa identificação como pessoa descendente de uma etnia.

## **Pedagógica, intervenções sócio-educativas**

### **Mancala, na história**

Justificativa: A espécie humana desde que surgiu no planeta, apresenta necessidade vital para seu crescimento intelectual e o jogo supria um pouco dessa necessidade.

Segundo Vygostky, o jogo tem um papel fundamental no desenvolvimento de criança, pois permite que haja uma atuação na zona de desenvolvimento proximal do indivíduo, criando condições para que conhecimentos e valores sejam consolidados através da imaginação de situações, de regras e de representação de papéis.

Para Celso Antunes (2003) “O jogo é o mais eficiente meio estimulador das inteligências permitindo que o indivíduo realize tudo que deseja. Quando joga passa a viver quem quer ser, organiza o que quer organizar e decide sem limitações. Apode ser grande, livre, e na aceitação das regras pode ter seus impulsos controlados. Brincando

dentro de seu espaço, envolve se com a fantasia, estabelecendo um gancho entre o inconsciente e o real. (onde termina essa citação? Coloque as referências)

Sabendo como o jogo desperta o interesse e entusiasmo de crianças e adolescentes e também de adultos, busquei iniciar este mini-projeto por um jogo.

#### Objetivos Gerais

- Identificar práticas sociais no tempo e no espaço;
- Conhecer a cultura africana;
- Analisar o papel da justiça na ordenação das sociedades e avaliar criticamente conflitos sociais políticos e econômicos;
- Compreender o papel histórico da África no mundo e os diferentes conflitos e movimentos de resistência.

#### Desenvolvimento:

##### 1º Momento ou (aula):

Apresentação do tabuleiro de jogo e de suas regras. Convida-os a jogar (se possível levar mais de um tabuleiro para dividir a turma em grupos.)

##### 2º momento:

Tomar opiniões sobre o jogo.

-O que acharam? Se gostaram? Se já conheciam? Origem do jogo?

Explicar a origem após respostas dos alunos.

Mancala-(África 3.500ª a.c.)

Mancala, em árabe, significa mover. O jogo representa a semeadura, a plantação, o futuro. É jogado por duas pessoas e possui uma regra única no mundo dos jogos. Você não pode deixar seu adversário sem sementes. Ganha aquele que possuir mais sementes em seu reservatório.

##### 3º Momento:

Conversar sobre a imagem que eles têm da África e trabalhar na desconstrução dessa imagem (dependendo da ideia que tiverem de África); falar dos africanos desde o início

da humanidade; o tráfico de escravos, suas resistências; e sua colaboração na construção do país.

Atividade:

Montar cartaz demonstrando a colaboração do negro na formação do Brasil. Ou cartaz com personagens negros da resistência.

Obs.: Destes cartazes poderemos criar novo jogo.

Biografias: **(Coloque essa bibliografia igual você colocou da apresentação)**

-Abbri-brinquedoteca.net.br/1818

-Brasil escola.educadorbrasilescouol.com.br

-Negritude, Cinema e Educação vol.1

### **Mancala: O jogo mais antigo do mundo!**

O jogo africano Mancala vem de longa data, cerca de 7.000 anos, e, ao que tudo indica, é o “pai” dos jogos. Sua provável origem encontra-se no continente africano, mais precisamente no Egito. Seus tabuleiros mais antigos foram encontrados em escavações da cidade síria de Aleppo, no templo Karnak (Egito) e no Theseum (Atenas). Do vale do Nilo, espalhou-se por toda a África e todo o oriente.

Atualmente é jogado em todos os continentes e difundido através de seus apreciadores e de educadores, em escolas e universidades.

Mancala: jogo da vida

Mancala é um jogo de estratégia relacionado à semeadura. Tem origem na palavra

árabe nagaala que significa “mover”. Simula o ato de semear, a germinação das sementes na terra, o desenvolvimento e a colheita. O movimento das sementes pelo tabuleiro era associado ao movimento celeste das estrelas, e o próprio tabuleiro simbolizava o Arco Sagrado.

Sentido mágico e sagrado do jogo

Em seus primórdios, o Mancala tinha um sentido mágico, relacionado aos ritos

sagrados. Em alguns lugares, as partidas eram reservadas apenas aos homens ou sacerdotes. Aliás, segundo estudos antropológicos, até hoje o Mancala africano é jogado predominantemente por homens, enquanto o Mancala asiático é jogado principalmente por mulheres e crianças.

Hoje em dia, na maioria dos países, o Mancala perdeu o caráter mágico e religioso.

Entretanto os Alladians, da Costa do Marfim, conservam o sentido religioso e acreditam que só é possível jogar o Mancala à luz do sol. À noite, eles oferecem os tabuleiros aos deuses para que joguem. Uma prova da importância desse jogo para os Alladians é a necessidade de uma partida de Mancala entre os concorrentes ao trono para que seja escolhido o sucessor do rei.

Um fato interessante é que o jogo de búzios, associado ao candomblé, é derivado do Mancala.

#### Um jogo de estratégia

Além do valor histórico, o Mancala oferece forte potencial de aprendizado, uma vez que é um jogo que exige muita agilidade de pensamento para se fazer boas jogadas. Pode-se dizer que algumas variantes do jogo Mancala são mais complexas do que o xadrez, uma vez que a configuração do tabuleiro é atualizada a cada jogada.

Jogar bem, segundo professores ticunas, é uma ciência. Saber fazer boas jogadas, ter boas estratégias é a ciência do jogo. Cerca de 300 professores, representantes indígenas da maior etnia brasileira, que tiveram a oportunidade de conhecer o Mancala, afirmam que, sem dúvida alguma, este jogo tem muito de ciência!

Mancala, o jogo oficial da África, conquistou nesse continente excelentes jogadores. Alguns fazem jogadas tão rápidas que é bastante difícil acompanhar os lances.

Exímios jogadores conseguem até a façanha de participar de uma partida de Mancala de olhos fechados.

#### Possibilidades de Confecção do Tabuleiro

Os tabuleiros de Mancala podem ser feitos tal como eram produzidos originariamente, ou com materiais alternativos, como: argila, madeira, MDF, papelão, E.V.A., caixa de ovo e sucatas em geral. As cavidades do tabuleiro podem ser feitas com

fundo de garrafa pet,; para as divisórias das cavidades, pode-se utilizar papelão ou amarração de bambu, etc.

Invente a sua versão de tabuleiro com design inédito! E boa partida!

Fonte de consulta:

- Os Melhores Jogos do Mundo – ed. Abril, 1978
- Jogos e Atividades Matemáticas do Mundo Inteiro – Claudia Zaslavsky – ed. Artmed, 2000
- Aprender com Jogos e Situações-Problema – Lino de Macedo, Ana Lúcia Sicoli Petty, Norimar Chrite Passos – ed. Artmed, 2000
- Mancala – Wari – Centro de Assessoria ao Movimento Popular – CAMPO

São muitas as regras do Mancala, apresentamos uma delas para quem quiser jogar:

- Número de participantes : 02
- Objetivo do jogo: capturar o maior número de sementes
- Preparação do Jogo: distribuir 4 sementes em cada casa e sortear quem iniciará a partida. Cada jogador fica com uma fileira de 6 casas, que será considerada seu “campo” e um oásis a sua direita, onde deposita as sementes capturadas.
- Movimentação do jogo: os jogadores se alternam fazendo um lance cada vez. Em cada jogada ele deve escolher uma casa de seu campo e pegar todas as sementes desta casa, semeando-as pelas casas seguintes, uma semente em cada casa de seu campo e/ou do campo do seu adversário. As 12 casas do tabuleiro são consideradas como se fossem um circuito que deve ser percorrido no sentido anti-horário. Se o número de sementes a ser semeado for maior que onze, dá-se uma volta completa pelo tabuleiro sem deixar no oásis do adversário nenhuma semente e prossegue-se repartindo as restantes pelas casas seguintes.
- Como capturar sementes: é preciso que a última casa onde o jogador semeou satisfaça duas condições:
  - pertença ao campo adversário
  - contenha 2 ou 3 sementes, já contado com aquela recém-semeada. Neste caso, o jogador pega para si as sementes dessa casa e as da casa precedente, desde que ela também satisfaça as condições. E também as da segunda precedente e assim por diante, até chegar a uma casa que não

mais satisfaça às condições, quando então se encerra a jogada. As sementes capturadas ficam com o jogador que as capturou.

- Regra importante: O jogador não pode deixar o campo do adversário sem sementes. Se isso ocorrer ele deve fazer uma jogada que recoloca sementes no campo do adversário sem sementes, desde que isso seja possível num único lance (essa é uma regra única dentre os jogos conhecidos).
- Finalização da partida: a partida se encerra quando ocorrerem uma das situações:
  - Não ser possível colocar sementes no campo vazio do adversário, em um único lance. Neste caso, o jogador pega para si todas as sementes que restarem em seu campo.
  - Restarem tão poucas sementes sobre o tabuleiro que nenhuma captura seja mais possível. Neste caso estas sementes não ficam com ninguém

O jogador que tiver capturado mais sementes será o vencedor da partida.